



construtores do Brasil

HOMENS E MULHERES QUE AJUDARAM A FAZER UM GRANDE PAÍS

Construtores do Brasil

Homens e mulheres que ajudaram a fazer um grande País

Retratados nas obras de

Catarina Gushiken
Carlos Bracher
Christina Oiticica
Darlan Rosa
Elifas Andreato
Fernando Gurgel
Flávio Tavares
Gougon
Hamilton Gondim
Henrique Passos
Heriberto Rebouças
Jocelino Soares
José Geraldo Fajardo
Juarez Venâncio
Marysia Portinari
Óscar Ramos
Otoniel
Paulo Acencio
Roberto Ploeg
Romero Britto
Titina Corso
Tony Lima
Ueliton Santana
Urbano Villela
Yara Tupynambá

Brasília, setembro de 2012



ORDEM E PROGRESSO

O LEGADO E O EXEMPLO DOS CONSTRUTORES DO BRASIL

Mais do que apenas uma sucessão de datas, de episódios e de nomes, o passado é o maior e o mais rico patrimônio do povo brasileiro, o testemunho da vida, dos valores, dos pensamentos e das ações dos homens e das mulheres que nos antecederam no tempo e que são, de fato, os Construtores do Brasil, pois não há Estado que se forme por si mesmo, nação que se faça por si só. Resultam de longo processo de evolução e de amadurecimento, no decorrer do qual se compõe a identidade com que se definem e se apresentam aos olhos do mundo.

Neste catálogo, reúne a Câmara dos Deputados biografias e imagens que transcendem as prateleiras dos arquivos, as páginas dos compêndios, os salões dos museus, para resgatar a obra de brasileiros merecedores do nosso reconhecimento, da nossa admiração e do nosso orgulho. Mais do que os feitos heroicos com que às vezes se mitificam, vale o que realmente fizeram como pensadores, como líderes populares, como destacados políticos, como revolucionários conscientes do papel que lhes cumpria exercer.

Cabe-nos, hoje, conhecer-lhes a trajetória pessoal e o desempenho público, sabedores de que não se relegam esses vultos a um tempo morto, que não nos diz respeito, porque protagonizaram as experiências, os acertos e os percalços de que somos frutos, como país e como povo. Sem um passado que lhes dê sentido, condenam-se as nações à pobreza do presente, e, pior ainda, à miséria do futuro, por falta de lições a aprender e de exemplos a seguir.

Construtores do Brasil são os que aqui homenageamos, mas não apenas eles: anônima e solidariamente, milhões de brasileiros honram-lhes a memória e se fazem dignos do legado que nos enobrece a todos, na luta pela dignidade humana, pela justiça social e pela cidadania plena a que tem direito o nosso grande povo.

Marco Maia
Presidente da Câmara dos Deputados

A nova iconografia do panteão

A iniciativa da Câmara dos Deputados de remontar a exposição e reeditar a brochura Construtores do Brasil atende ao reiterado interesse que essa galeria de heróis do povo brasileiro gerou ao vir à luz em 2007 e repetir-se em 2009. Dos salões do Legislativo, a exposição tornou-se itinerante e percorreu vários lugares do Brasil, sempre com grande afluxo do público, a atestar a sede de saber dos brasileiros por sua História, sobretudo quando contada com equidade e realismo, ou seja, sem louvaminhas desmedidas nem criticismo derrotista.

O critério aparentemente restritivo de elencar exclusivamente homens e mulheres ativistas no plano social ou político ou militar cumpriu o objetivo abrangente de salientar seu protagonismo na formação social brasileira. Daí porque foi com curiosidade e até surpresa que o público pôde apreciar a reunião de personalidades exaustivamente reconhecidas, como o Patriarca da Independência, José Bonifácio de Andrada e Silva, e outras cuja contribuição decisiva à nossa civilização não tem sido destacada à altura, a exemplo do tuxaua Tibiriçá, parceiro dos jesuítas na fundação da cidade de São Paulo como centro irradiador da conquista e consolidação do território nacional.

De vários desses brasileiros notáveis não se dispõe de imagens autênticas, pois jamais foram retratados, muito menos fotografados, por viverem em épocas, locais ou circunstâncias que não propiciavam tais registros visuais. Agora, a galeria é enriquecida pelas pranchas de artistas que dão rosto, à sua maneira, a cada uma das personalidades históricas. Segundo a melhor tradição iconográfica dos panteões, seguem a linha da representação pictórica que fixa a pose majestática de homens e mulheres que inscreveram seu nome na História com carisma e nobreza.

Aldo Rebelo

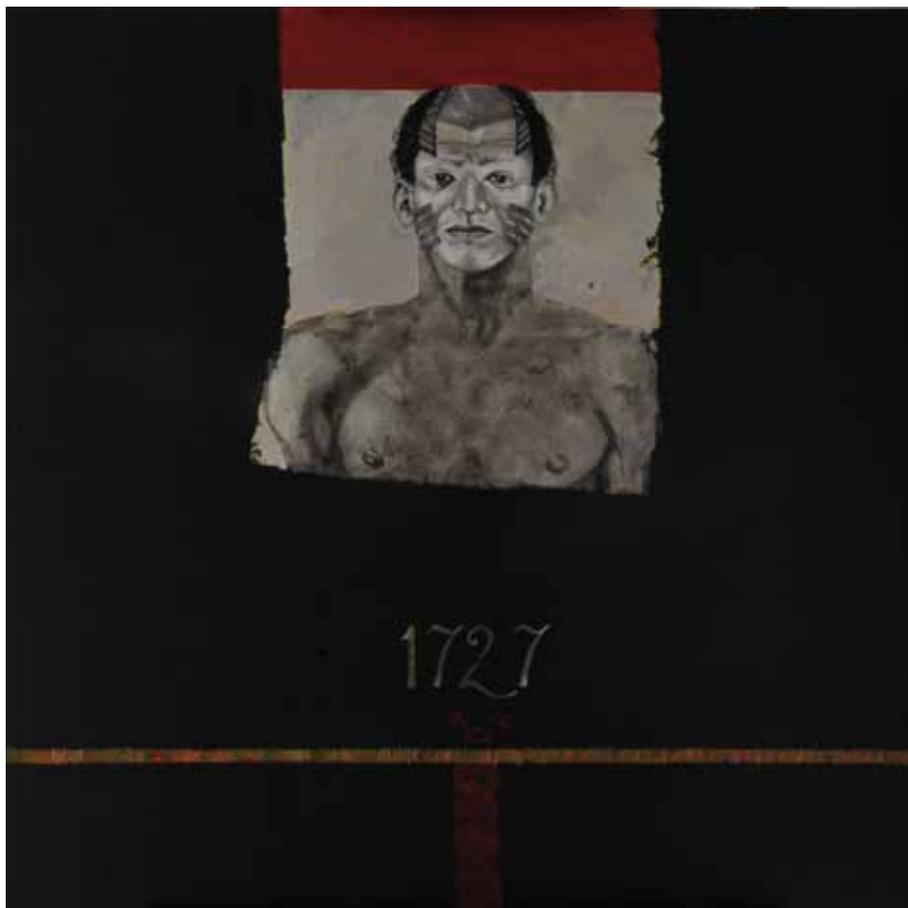
Curador

Deputado pelo PCdoB-SP, licenciado para
assumir o cargo de Ministro do Esporte.

SUMÁRIO

Ajuricaba – Herói da Resistência Indígena	10
Almirante Tamandaré – Patrono da Marinha	12
Anita Garibaldi – Heroína dos Dois Mundos	14
Barão do Rio Branco – Patrono da Diplomacia	16
Bento Gonçalves – Chefe da Revolução Farroupilha	18
Deodoro da Fonseca – Proclamador da República	20
Dom Pedro I – Proclamador da Independência	22
Duque de Caxias – Patrono do Exército	24
Filipe Camarão – Chefe Guerrilheiro Indígena	26
Floriano Peixoto – Consolidador da República	28
Frei Caneca – Ideólogo da República	30
Getúlio Vargas – O Modernizador	32
Henrique Dias – Herói da Guerra aos Holandeses	34
José Bonifácio – Patriarca da Independência	36
Juscelino Kubitschek – Presidente do Otimismo	38
Luís Carlos Prestes – Cavaleiro da Esperança	40
Maria Quitéria – Heroína da Independência	42
Padre Manuel da Nóbrega – Missionário-Estadista	44
Pedro Álvares Cabral – O Descobridor	46
Plácido de Castro – Líder da Conquista do Acre	48
Princesa Isabel – A Redentora	50
Raposo Tavares – Definidor das Fronteiras	52
Tibiriçá – Fundador de São Paulo	54
Tiradentes – Mártir da Independência	56
Zumbi dos Palmares – Herói da Resistência à Escravidão	58
Artistas convidados	60
Obras consultadas	66





Retrato de Ajuricaba | Óscar Ramos | Técnica mista (tinta de parede, acrílica e liquibrilho) | 90x90cm | 2012

Ajuricaba

Herói da Resistência Indígena

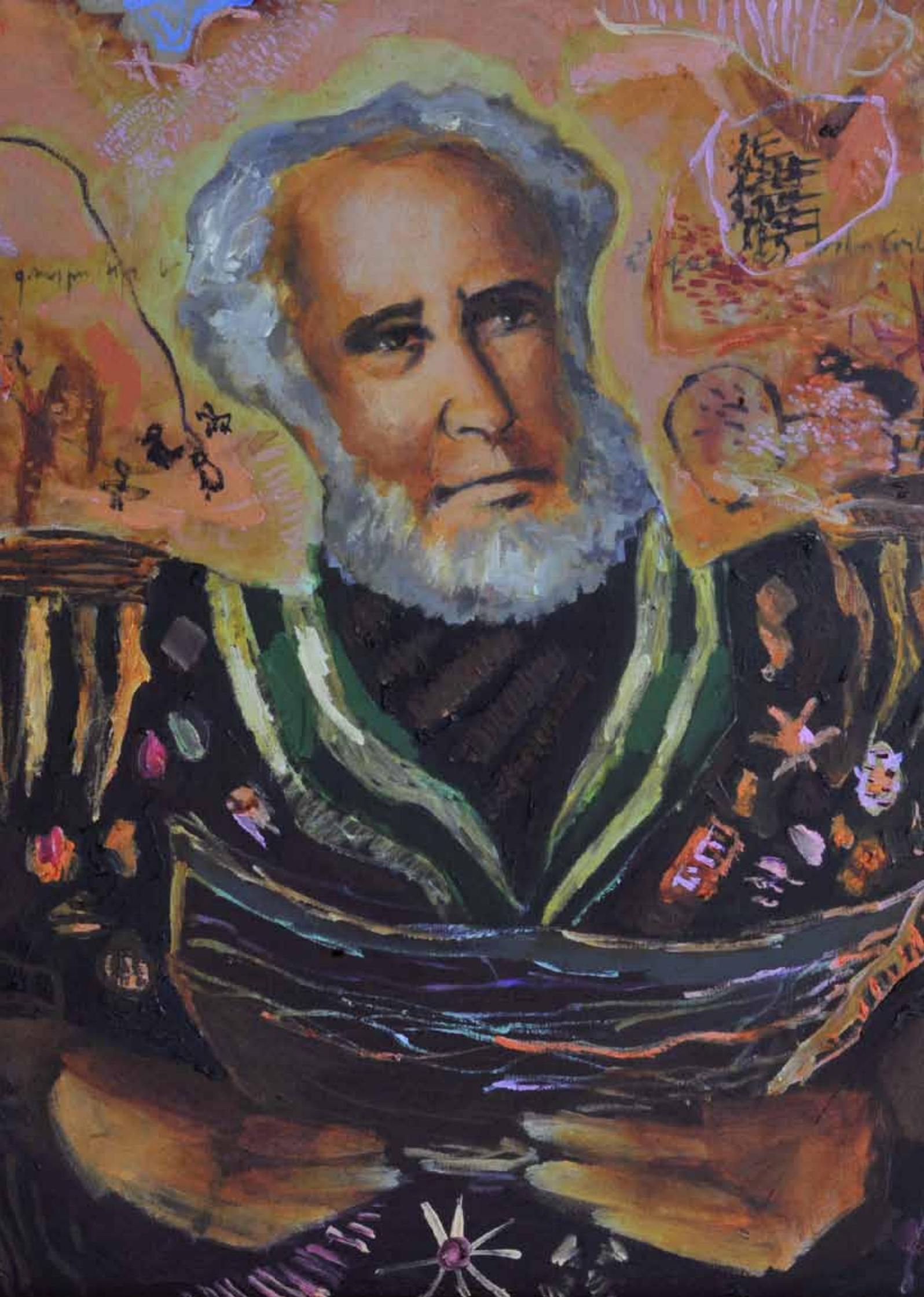
*Amazonas, séc. XVII – †1729, Amazonas

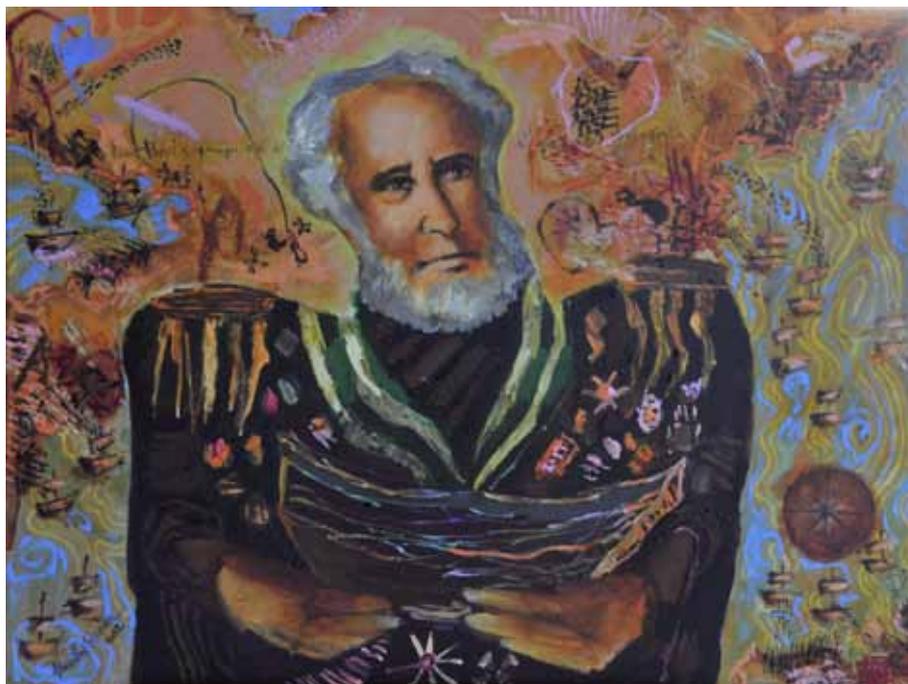
Príncipe dos manaus, poderosa confederação de tribos do Amazonas, espalhadas entre os rios Negro e Branco, o tuxaua Ajuricaba tornou-se símbolo da insubmissão dos índios à opressão colonial.

Jamais aceitou a presença portuguesa na Amazônia e liderou ataques guerrilheiros aos traficantes de escravos. Assim como os tamoios se aliaram aos franceses no Rio de Janeiro, Ajuricaba juntou-se aos holandeses que haviam invadido o atual estado de Roraima e descido até o rio Rupununi.

Apesar das tentativas de pacificação empreendidas pelos jesuítas, não se dobrou ao Império. O cacique era impiedoso com os índios que se aliavam aos portugueses, destruindo suas aldeias, fazendo-os escravos e entregando-os aos holandeses.

Capturado, ficou preso num navio, com bolas de ferro amarradas aos pés, até atirar-se nas águas do rio Negro para cobrir-se de lendas. É considerado um herói no Amazonas e no Rio Grande do Sul dá nome a uma cidade por simbolizar "o homem que luta pela liberdade".





Retrato do Almirante Tamandaré | Hamilton Gondim | Acrílica sobre tela | 60x60cm | 2012

Almirante Tamandaré

Patrono da Marinha

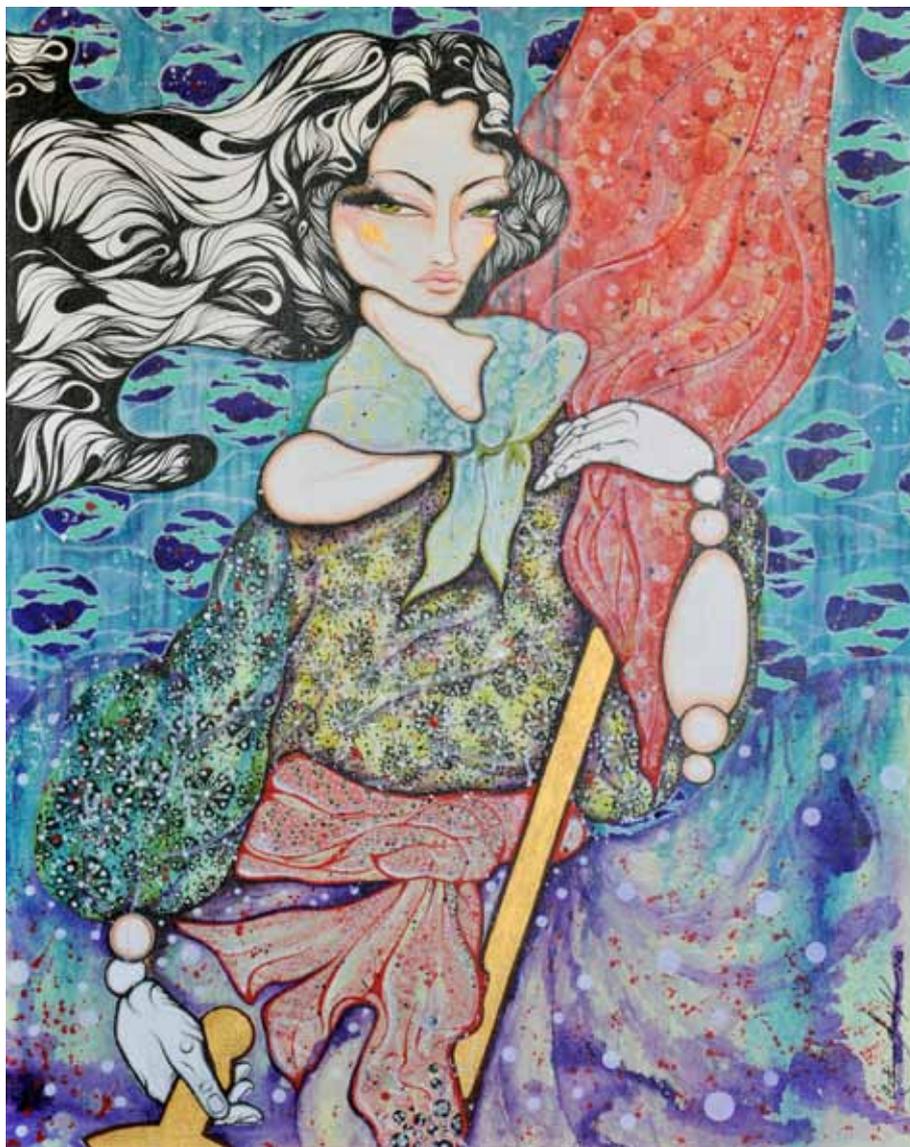
* Rio Grande (RS), 13-12-1807 – †20-3-1897, Rio de Janeiro (RJ)

Personagem histórico inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves, em Brasília-DF (Lei nº 10.796, de 5 de dezembro de 2003).

Aos 15 anos, Joaquim Marques Lisboa embarcou num vaso de guerra para seguir uma carreira de glórias militares. Foi na fragata Niterói, sob o comando do inglês John Taylor, um dos almirantes que José Bonifácio contratara para expulsar os chefes militares portugueses após a Independência, que Tamandaré tomou parte nas batalhas contra o general Inácio Luís Madeira de Melo, na Bahia, seguindo a retirada da esquadra lusa até a foz do rio Tejo.

Como o Duque de Caxias, foi um esteio da resistência às insurreições que abalaram o Império: a Setembrada, em 1831, no Maranhão e Pernambuco; a Cabanagem, em 1835-1836, no Pará; a Sabinada, em 1837, na Bahia; a Farroupilha, em 1838, no Rio Grande do Sul. Mas seu ponto alto como estrategista militar e patriota ocorreu na Guerra do Paraguai: no posto de comandante-em-chefe, liderou a esquadra do Brasil na maior batalha naval das Américas, do Riachuelo, na Argentina, em 1865, ocasião em que a marinha do presidente paraguaio Solano Lopez foi aniquilada.





Retrato de Anita Garibaldi | Catarina Gushiken | Acrílica e nanquim sobre tela | 100x80cm | 2012

Anita Garibaldi

Heroína dos Dois Mundos

* Laguna (SC), 1821 – †4-8-1849, Ravena (Itália)

Personagem histórico inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves, em Brasília-DF (Lei nº 10.796, de 5 de dezembro de 2003).

Ana Maria Ribeiro da Silva era casada com um sapateiro quando conheceu o libertador italiano Giuseppe Garibaldi, que aqui se exilara e se engajara na Revolução Farroupilha, ou Guerra dos Farrapos, em 1836, participando da luta dos gaúchos contra o Império do Brasil.

Anita apaixonou-se pelo homem e sua causa. Espírito livre, excelente amazona, aprendeu a atirar com canhão, a resistir aos rigores da guerra e protagonizou cenas de heroísmo em batalhas e fugas espetaculares. Em 1848, acompanhou Garibaldi na volta à Europa e também participou das guerras pela unificação da Itália, nas quais também tomou parte Domenico Menotti, o único brasileiro dos quatro filhos do casal.

Tal e qual o Marquês de Lafayette, general francês que lutou nas revoluções Americana e Francesa, Anita é reconhecida, no Brasil e na Itália, como paladina da liberdade nos dois continentes ou Heroína dos Dois Mundos. Foi sepultada, ao lado do marido, na colina de Gianicolo, em Roma, palco de uma das batalhas em que terçou armas por seus ideais.





Retrato do Barão do Rio Branco | JG Fajardo | Óleo sobre tela | 65x54cm | 2012

Barão do Rio Branco

Patrono da Diplomacia

*Rio de Janeiro (RJ), 20-4-1845 – †10-2-1912, Rio de Janeiro (RJ)

Personagem histórico inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves, em Brasília-DF (Lei nº 10.796, de 5 de dezembro de 2003).

Professor, político, jornalista, diplomata e historiador, José Maria da Silva Paranhos Júnior, apesar de protegido do Imperador Pedro II, foi unanimidade nacional como chanceler de quatro governos da República, de 1902 a 1912.

Consolidou as fronteiras, conduzindo numerosos tratados com quase todos os vizinhos, sempre justos para os dois lados. Entre eles destaca-se o de Petrópolis, de 1903, que incorporou o território boliviano do Acre ao mapa nacional, sem conflitos nem ressentimentos. Com senso de estadista, Rio Branco formulou uma política diplomática à altura da grandeza do Brasil, sem submissão às grandes potências, mas com amizade e cooperação com todas elas.

Em 1907, apoiou a destemida atuação de Rui Barbosa na Conferência de Haia, na qual o Brasil recusou o alinhamento automático com as grandes potências e defendeu o princípio da igualdade das nações. Quando morreu, na véspera do Carnaval, a festa foi adiada em sinal de luto e reconhecimento popular.





Retrato de Bento Gonçalves | Urbano Vilela | Óleo sobre tela | 70x50cm | 2012

Bento Gonçalves

Chefe da Revolução Farroupilha

*Triunfo (RS), 23-9-1788 – †18-7-1847, Pedras Brancas (RS)

Nos dez anos da Revolução Farroupilha, ou Guerra dos Farrapos (1835-1845), travada pelo Rio Grande do Sul contra o Império, Bento Gonçalves da Silva demonstrou que, além de ser rico estancieiro, tinha vocação de chefe militar e estadista.

Destacara-se na Guerra da Cisplatina, pela qual o Brasil anexou e defendeu a posse do Uruguai durante o Primeiro Reinado. Foi o estrategista e presidente da República Rio-Grandense, ou de Piratini, fundada pelos revoltosos e derrotada pelas tropas imperiais, comandadas pelo Duque de Caxias. Apesar de aceitar o cargo, justamente quando estava preso no Rio de Janeiro, Bento Gonçalves nunca foi entusiasta do separatismo do Rio Grande do Sul. Ao contrário, não via os gaúchos apartados dos brasileiros.

Quando firmou a paz com Caxias, reconheceu a "generosidade" do general do Império por resguardar, "em grande parte, nossa dignidade..."; e retirou-se para sua fazenda "unicamente com a ingente glória de achar-me o homem, talvez, mais pobre do País."



FRANCO
201



Retrato de Deodoro da Fonseca – As Lágrimas Depois da Vitória | Flávio Tavares | Acrílica sobre tela | 70x90cm | 2012

Deodoro da Fonseca

Proclamador da República

*Alagoas, atual Marechal Deodoro (AL), 5-8-1827 – †23-8-1892, Rio de Janeiro (RJ)

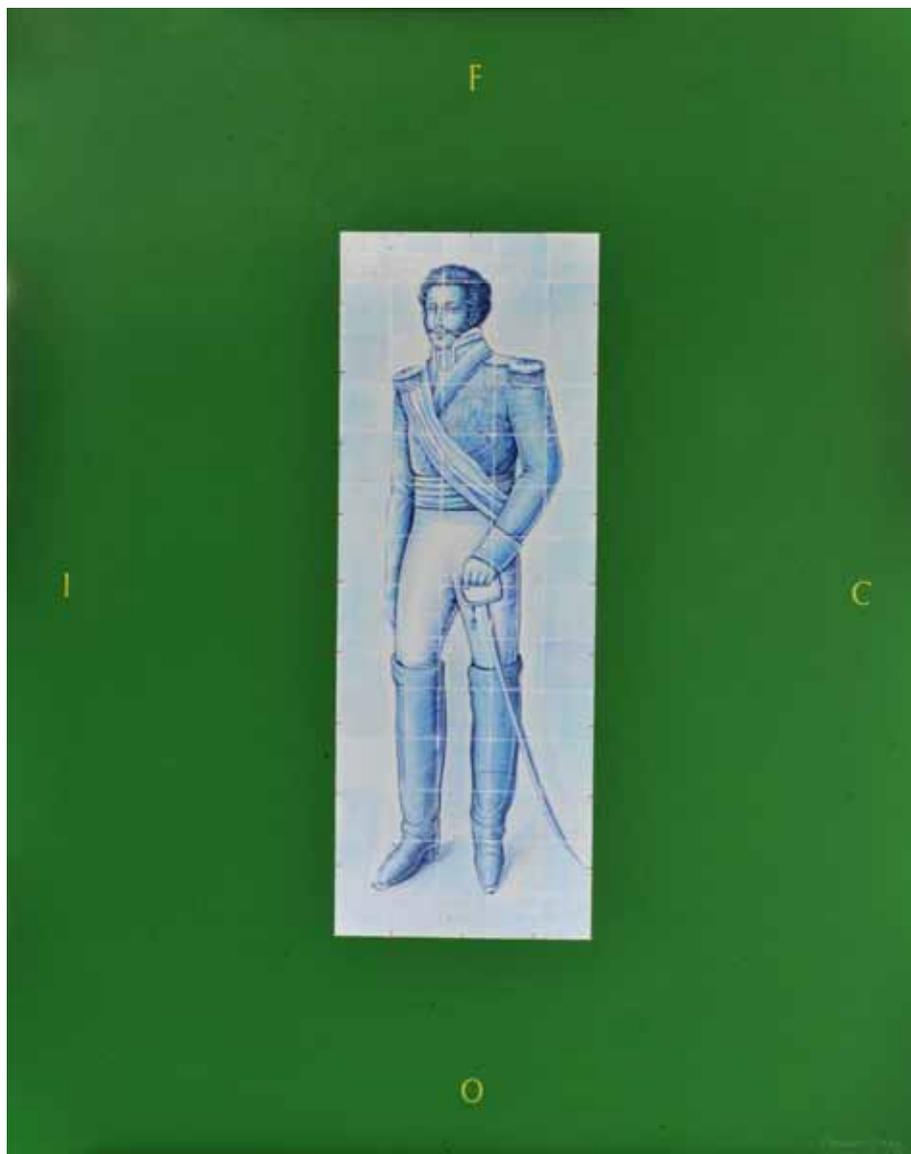
Personagem histórico inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves, em Brasília-DF (Lei nº 10.796, de 5 de dezembro de 2003).

Soldado da guerra e da política, Manuel Deodoro da Fonseca fez a guerra, segundo suas palavras, “de fio a pavio” e tornou-se presidente da República do Brasil. Fundou o Clube Militar e foi seu primeiro presidente, que nasceu com a pretensão de imiscuir-se nos assuntos de Estado.

Herói da Guerra do Paraguai, com grande prestígio na tropa, desferiu um golpe na escravidão quando determinou que o Exército não mais perseguiria negros fugitivos e comunicou a insolente deliberação diretamente à Princesa Isabel. Amadurecidas as condições para a derrubada do Império, seus pares concluíram que Deodoro enfeixava as qualidades para apresentar-se como o proclamador e primeiro presidente da República.

Deodoro encabeçou um governo provisório inovador, instituindo o casamento civil, separando a Igreja do Estado e, com Rui Barbosa no Ministério da Fazenda, almejando um programa de desenvolvimento nacional. Ao enfrentar grande reação por ter dissolvido o Congresso, em 1891, preferiu renunciar à Presidência a lançar o País numa guerra civil.





Retrato de Dom Pedro I – Elos | Fernando Gurgel | Acrílica sobre tela | 100x80cm | 2012

Dom Pedro I

Proclamador da Independência

*Queluz (Portugal), 12-10-1798 – †24-9-1834, Queluz (Portugal)

Personagem histórico inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves, em Brasília-DF (Lei nº 10.796, de 5 de dezembro de 2003).

Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon, o Pedro I dos brasileiros, veio ainda menino com a família real, em 1808, e foi criado à imagem e semelhança do povo que libertou. Sem exigir luxos, misturou-se aos simples, preferia farinha de mandioca ao pão de trigo importado da Europa, teve muitos amores e incontáveis filhos.

Modelado por José Bonifácio de Andrada e Silva, o jovem príncipe português fundou o Império do Brasil com a célebre frase "Independência ou Morte". Querido pelo povo, mas impulsivo e arrebatado, gerou frustrações e insatisfações ao abrandar seus princípios liberais, dissolver a Assembleia Constituinte que prepararia nossa primeira Constituição, expatriou seu mentor político e voltou a Portugal para recuperar o trono em favor de sua filha Maria da Glória.

Ficou na História do Brasil como o estadista que vislumbrou um grande país nos trópicos.



HUMAITA

ancho

Companha

guito

emado

Estado
do
Reino

avendo

sujeito

Mulher



Retrato de Duque de Caxias | Titina Corso | Técnica Mista | 80x60cm | 2012

Duque de Caxias

Patrono do Exército

*Vila de Porto Estrela, atual Duque de Caxias (RJ), 25-8-1803 – †7-5-1880, Valença (RJ)

Personagem histórico inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves, em Brasília-DF (Lei nº 10.796, de 5 de dezembro de 2003).

Maior chefe militar da nossa História, Luís Alves de Lima e Silva foi o único brasileiro a receber o título de duque. Soldado da consolidação do Império, esmagou várias revoltas nas províncias; mas, antes de desembainhar a espada, invariavelmente propunha a paz aos revoltosos. Por isso ficou reconhecido como O Pacificador, título de uma medalha do Exército cunhada em sua homenagem.

Desempenhou funções políticas, como governador do Rio Grande do Sul e presidente do Conselho de Ministros em três ocasiões. Quando assumiu o comando da Tríplice Aliança (Argentina, Brasil e Uruguai) na Guerra do Paraguai, os aliados experimentavam derrotas e desânimo.

Caxias reanimou e reorganizou a tropa e inovou em táticas militares, tendo sido o primeiro na América do Sul a utilizar balões para observação do inimigo.

A 5 de janeiro de 1869, aos 65 anos, deu a guerra por vencida e entregou o comando das tropas ao Conde d'Eu, marido da Princesa Isabel, a quem se atribuem excessos com os paraguaios vencidos.





Retrato de Filipe Camarão (Poti) | Otoniel | Óleo sobre tela | 80x100cm | 2012

Filipe Camarão

Chefe Guerrilheiro Indígena

*Rio Grande do Norte, 1600 – †1648, Recife (PE).

Personagem histórico inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves, em Brasília-DF (Lei nº 10.796, de 5 de dezembro de 2003).

Chamado Poti (camarão, em tupi) em sua tribo de índios potiguares, convertido ao cristianismo, recebeu o nome de Antônio Filipe pelos jesuítas que o educaram, numa homenagem a Filipe IV, rei da Espanha. Foi um dos símbolos da unidade da futura Nação brasileira na luta contra os holandeses que no século XVII invadiram o atual Nordeste do Brasil.

Ao lado da mulher, Clara Camarão, guerreou do Rio Grande do Norte à Paraíba e na primeira Batalha dos Guararapes (1648), decisiva para a Restauração de Pernambuco, onde sofreu ferimentos que o levaram à morte. Seu terço (regimento) usava técnicas de guerrilha: conhecedores do terreno e acostumados ao rigor climático da região, os índios-soldados surpreendiam e impunham numerosas baixas aos holandeses.

Como reconhecimento, recebeu numerosas homenagens da Coroa, entre elas o Hábito da Ordem de Cristo e os títulos de capitão-mor dos índios e dom. Seu nome foi dado ao palácio-sede da Prefeitura de Natal e à 7ª Brigada de Infantaria Motorizada do Exército Brasileiro.





Retrato de Floriano Peixoto | Heriberto Rebouças | Óleo sobre tela | 70x50cm | 2012

Floriano Peixoto

Consolidador da República

*Ipioca (AL), 30-4-1839 – †29-6-1895, Barra Mansa (RJ)

Floriano Vieira Peixoto entrou na História como Marechal de Ferro e deixou a vida como Marechal do Povo. Seu enterro levou às ruas um terço dos 600 mil habitantes do Rio de Janeiro, mulheres chorando, homens ajoelhados, identificados com o caboclo que chegara à Presidência da República.

Agradou ao povo, que recebia em casa, de chinelos, paletó de brim e um palito rolando na boca, ao tomar medidas como a desapropriação de cortiços explorados pelo Conde d'Eu, genro de Dom Pedro II.

Implantou o primeiro congelamento de preços do País. Reorganizou o serviço público e cuidou da aposentadoria dos funcionários. Fez os estudos iniciais para mudar a sede do governo para o Planalto Central, o que lhe valeu uma homenagem de Juscelino Kubitschek no livro A Marcha do Amanhecer.

Político sagaz, aliou-se aos barões do café de São Paulo para governar. Combatente experiente da Guerra do Paraguai, reprimiu com energia as tentativas armadas de restauração da Monarquia e consolidou a República.



Pomietri76



Retrato de Frei Caneca | Romero Britto | Acrílica sobre tela | 100x80cm | 2012

Frei Caneca

Ideólogo da República

*Recife (PE), 1779 – †13-1-1825, Recife (PE).

Personagem histórico inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves, em Brasília-DF (Lei nº 10.796, de 5 de dezembro de 2003).

O frade carmelita Joaquim do Amor Divino Rebelo Caneca foi um liberal republicano que pagou com a vida a audácia de combater o excessivo centralismo do Império recém-fundado no Brasil.

Intelectual, leitor do filósofo Montesquieu e dos enciclopedistas franceses, pregou no púlpito e nas páginas de seu jornal *Tífis Pernambucano* um Brasil em que o cidadão encontraria, “quer no Exército, quer nos tribunais, quer no ministério, só amigos, irmãos, só iguais sem nada ver acima de si que a lei e o merecimento por ela protegido”. Trocou a Bíblia pela espada ao participar da Revolução Pernambucana de 1817 e chefiar a Confederação do Equador em 1824, que pretendia reunir as províncias do Norte numa república separada do Brasil.

A rebelião foi esmagada com mão de ferro pelo imperador Pedro I e Frei Caneca condenado à forca. Mas era tão querido do povo que nenhum carrasco aceitou enforcá-lo. Com lágrimas nos olhos, o comandante de armas Francisco de Lima e Silva ordenou que fosse fuzilado.





Retrato de Getúlio Vargas | Elifas Andreato | Acrílica sobre tela | 100x80cm | 2012

Getúlio Vargas

O Modernizador

*São Borja (RS), 19-4-1882 – †24-8-1954, Rio de Janeiro (RJ)

Personagem histórico inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves, em Brasília-DF (Lei nº 10.796, de 5 de dezembro de 2003)

Os dois períodos de Getúlio Dorneles Vargas na Presidência da República (1930-1945 e 1950-1954) foram de intensa modernização do Brasil. À frente da Revolução de 30, liderou a ascensão da burguesia industrial sobre o latifúndio decadente e adotou políticas nacional-desenvolvimentistas.

No seu legado inovador e nacionalista sobressaem as bases da industrialização, com destaque para a Companhia Siderúrgica Nacional; a reforma do Estado, com a reorganização do serviço público e criação de ministérios como o da Educação e o do Trabalho; as Justiças Eleitoral e Trabalhista; a Consolidação das Leis do Trabalho; o fortalecimento da organização sindical em aliança com os trabalhadores; a participação do Brasil na II Guerra; e a Petrobras.

Ao suicidar-se, lançou o povo contra a oposição predatória e hipócrita, deixando-a sem força política para dar um golpe de Estado. Foi profético em suas últimas palavras, na Carta-Testamento: "Deixo a vida para entrar na História."





Retrato de Henrique Dias | Roberto Ploeg | Óleo sobre tela | 80x100cm | 2012

Henrique Dias

Herói da Guerra aos Holandeses

*Pernambuco, †8-6-1662, Recife (PE)

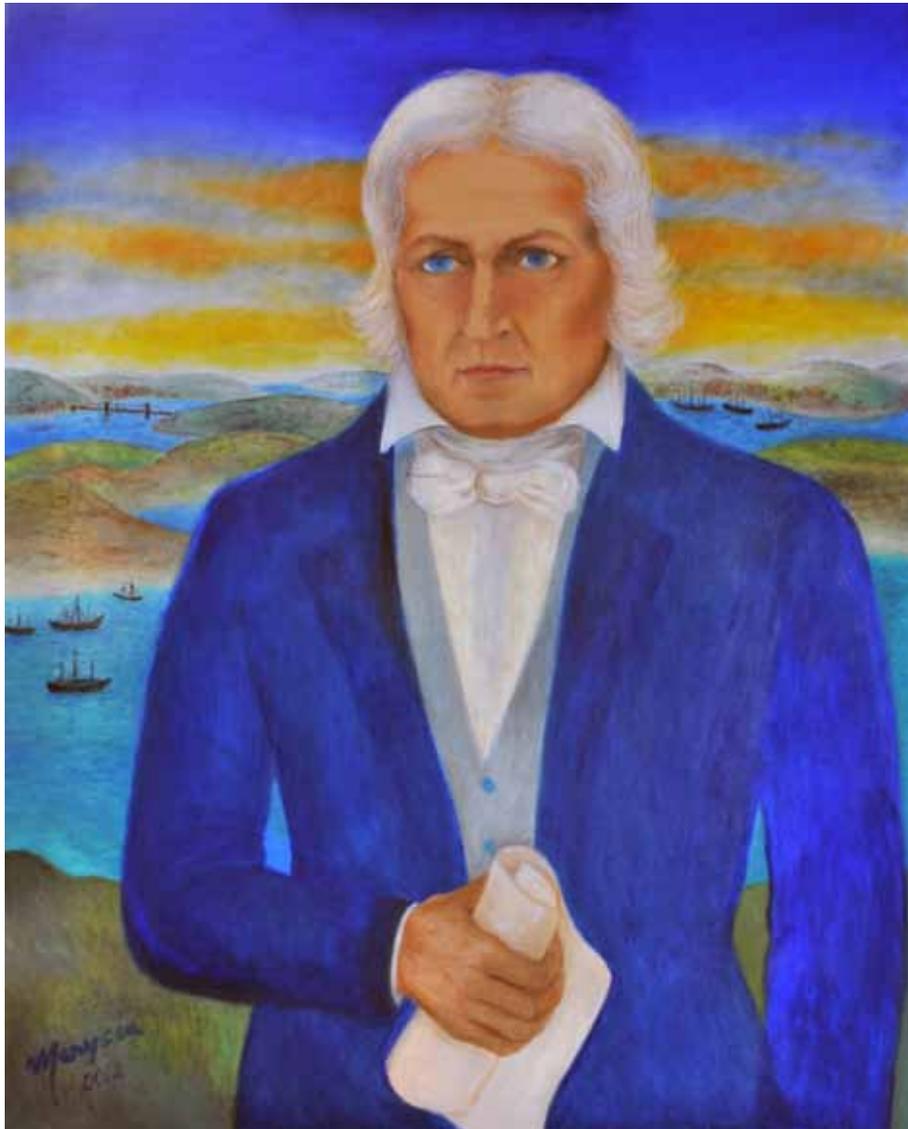
Personagem histórico inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves, em Brasília-DF (Lei nº 10.796, de 5 de dezembro de 2003).

Primeiro herói negro da História do Brasil, de Henrique Dias não se sabe quando nem onde nasceu, mas se supõe que não era escravo quando se engajou na luta contra os holandeses que invadiram o Nordeste. Comandou um regimento de quinhentos homens livres e escravos que tomou parte nas batalhas mais importantes da guerra, sendo ferido sete vezes, além de perder a mão esquerda.

Quando Portugal aceitou uma trégua pela qual entregaria o Nordeste à Holanda, Henrique Dias foi um dos chefes militares que se rebelaram contra a decisão e afirmou que preferia servir "às obrigações da Pátria... que às leis do Império". Vitoriosa a resistência, recebeu a patente de Governador de Crioulos, Negros e Mulatos do Brasil.

Levado a Lisboa para ser condecorado com o título de mestre-de-campo por Dom João IV, pediu e obteve a liberdade para seus soldados. É considerado, como Filipe Camarão, um dos fundadores das Forças Armadas do Brasil, que dão seu nome a um batalhão do Exército e a uma corveta da Marinha.





Retrato de José Bonifácio de Andrada e Silva | Marysia Portinari | Óleo sobre tela | 100x80cm | 2012

José Bonifácio

Patriarca da Independência

*Santos (SP), 13-6-1763 – †6-4-1838, Niterói (RJ)

Personagem histórico inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves, em Brasília-DF (Lei nº 10.796, de 5 de dezembro de 2003)

Cientista, político e homem de letras, José Bonifácio de Andrada e Silva foi o maior estadista brasileiro. Educado na Universidade de Coimbra, fez uma viagem de estudos pela Europa, tendo presenciado a Revolução Francesa. De volta ao Brasil, em 1819, com uma biblioteca de seis mil volumes, foi o primeiro brasileiro a assumir um ministério em seu país, o do Reino e dos Estrangeiros. Arquitetou a Independência e a instalação do Império do Brasil.

Organizou um Projeto Nacional que incluía a emancipação nacional, a abolição da escravatura, a reforma agrária, a integração dos índios, a educação básica e a "fundação de uma cidade central no interior do Brasil". Rompido com o príncipe que modelara para o poder, Dom Pedro I, exilou-se durante seis anos na França. Regressou em 1829, assumindo a pedido do pai a tutela do infante Pedro II. Por intrigas, foi destituído à força da missão.

Confinado na Ilha de Paquetá (RJ), terminou seus dias no ostracismo, convivendo com o reumatismo, os livros e a poesia.





Retrato de Juscelino Kubitschek | Darlan Rosa | Pintura digital e impressão sobre tela | 100x80cm | 2012

Juscelino Kubitschek

Presidente do Otimismo

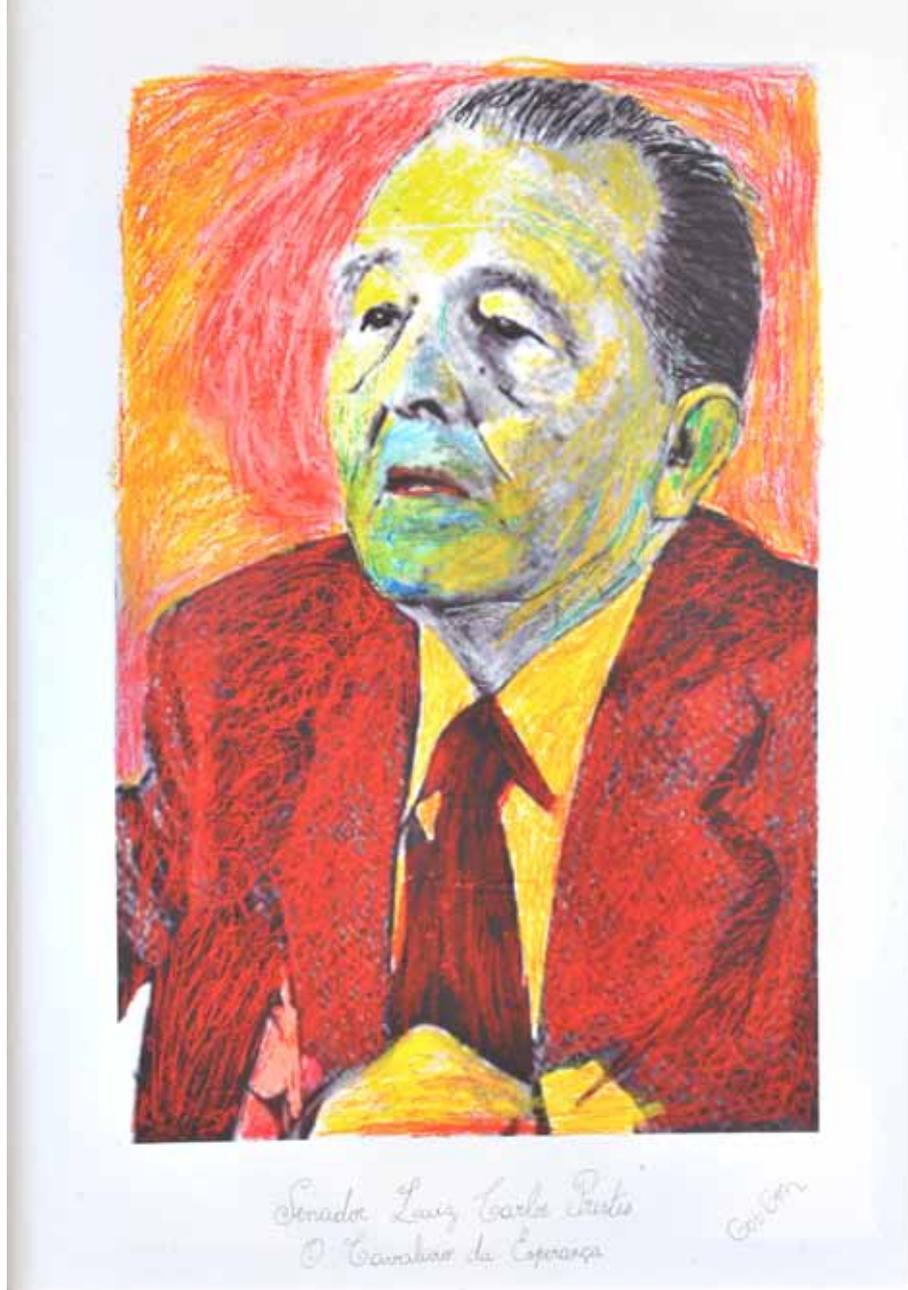
*Diamantina (MG), 12-9-1902 – †22-8-1976, Resende (RJ)

Com as bandeiras da concórdia e desenvolvimento, o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira implantou programas de infraestrutura, sobretudo usinas de energia e estradas como a Belém-Brasília, e expandiu a indústria, a começar pela automobilística.

Sistematizou o planejamento estatal com o Plano Nacional de Desenvolvimento, o Plano de Metas, sob o lema "50 anos em 5". Apesar de abrir a economia ao capital estrangeiro, chegou a romper com o Fundo Monetário Internacional na defesa dos interesses do Brasil. Em sua obra resplandece Brasília: erguida na solidão do Planalto, a nova Capital mudou a geografia do Brasil. O governo de JK (1956–1961) foi marcado pela estabilidade política, apesar de duas revoltas de oficiais da Aeronáutica, prontamente por ele anistiados.

O Brasil viveu uma época de ouro no cinema, no rádio e na música com a bossa nova; e de sua primeira Copa do Mundo (1958), um período de grande otimismo e confiança do povo brasileiro, daí ser chamado de Anos Dourados.





Retrato de Luís Carlos Prestes – Cavaleiro da Esperança | Gougon | Bastão de pastel sobre canvas | 80x54cm | 2012

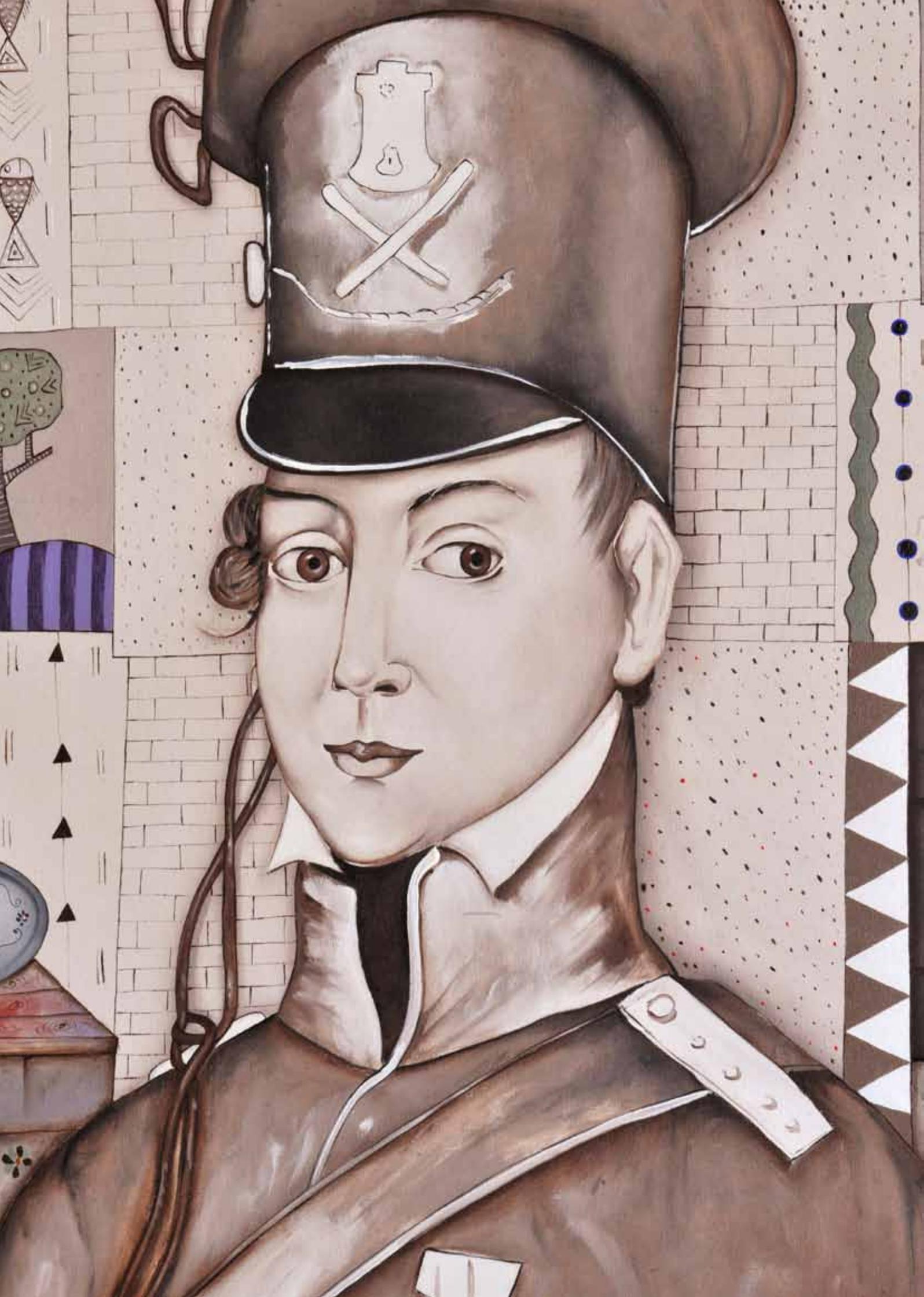
Luís Carlos Prestes Cavaleiro da Esperança

*Porto Alegre (RS), 3-1-1898 – †7-3-1990, Rio de Janeiro (RJ)

Um dos principais líderes do Movimento Tenentista dos anos de 1920, chefiou a grande marcha democrática da Coluna Prestes durante 29 meses e 25 mil quilômetros por 13 estados. Perseguida pelas tropas do governo, a Coluna travou uma “guerra de movimentos” até dispersar-se na Bolívia em 1926. Prestes já era então aclamado como Cavaleiro da Esperança, apelido depois utilizado num romance de Jorge Amado.

Ingressou no Partido Comunista e em 1935 liderou o grande movimento democrático da Aliança Nacional Libertadora, que tentou um golpe de Estado duramente reprimido. Prestes foi preso, sua mulher Olga Benário, mesmo grávida, deportada para a Alemanha nazista e assassinada no campo de concentração de Ravensbrück.

Com a redemocratização de 1945, foi eleito senador. Em 1964, exilou-se na União Soviética para só retornar ao Brasil com a anistia de 1979. Sua disciplina, honestidade e coerência com os ideais são reconhecidas pelos mais renhidos adversários.





Retrato de Maria Quitéria | Tony Lima | Óleo sobre tela | 70x50cm | 2012

Maria Quitéria

Heroína da Independência

*Feira de Santana (BA), 1792 – †21-8-1853, Bahia

Na luta pela Consolidação da Independência na Bahia, uma surpresa: o soldado Medeiros, bravo e audaz, era na verdade Maria Quitéria de Jesus. Fingindo ser homem, a camponesa alistou-se num batalhão de voluntários que combatia forças leais à Coroa portuguesa e resistia à autonomia do Brasil.

O pai a desmascarou, mas o general francês Pedro Labatut, comandante das tropas brasileiras, aceitou-a como soldado, acrescentou-lhe um saiote ao uniforme e a heroína seguiu se distinguindo nas batalhas. Em 2 de julho de 1823, foi saudada pela população ao entrar em Salvador com as tropas que expulsaram os portugueses. Foi promovida a alferes e condecorada por Dom Pedro I com a Ordem Imperial do Cruzeiro do Sul, pelo "denodo raro, entre as mais do seu sexo", prestado "à Causa da Independência deste Império".

Pelo exemplo de altivez e valentia, tornou-se símbolo do movimento de emancipação feminina. Dá nome a medalhas e comendas oficiais e é considerada Patrona do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro.





Retrato do Padre Manoel da Nóbrega | Paulo Acencio | Óleo sobre tela | 80x60cm | 2012

Padre Manoel da Nóbrega Missionário-Estadista

*Entre-Douro-e-Minho (Portugal), 18-10-1517 – †18-10-1570, Rio de Janeiro (RJ)

Chefe da primeira missão jesuítica enviada ao Brasil, com o governador-geral Tomé de Sousa, que aqui aportou em 1549, o padre Manoel da Nóbrega viria a ser um homem de Estado com o hábito de missionário. Jamais se limitou à catequese e à defesa da liberdade dos índios, antes participou, com visão de futuro, dos assuntos do governo colonial que interessavam ao Brasil.

Colaborou na fundação de Salvador e do Rio de Janeiro, participou da resistência de Estácio de Sá aos franceses que haviam invadido o Rio e sobretudo inverteu a marcha da colonização restrita ao litoral. Em 1554, com seu discípulo José de Anchieta, subiu o Planalto de Piratininga e fundou a cidade de São Paulo no sertão, desde então e ainda hoje um polo irradiador do progresso do Brasil.

Deixou lúcidas observações sobre os costumes e o início da formação do povo brasileiro, pelo enlace de índios e colonizadores, feitas em cartas aos superiores e no livro Diálogos sobre a Conversão do Gentio, de 1557, uma das obras fundadoras da literatura nacional.





Retrato de Pedro Álvares Cabral | Henrique Passos | Óleo sobre tela | 100x80cm | 2012

Pedro Álvares Cabral

O Descobridor

*Belmonte (Portugal), 1467 ou 1468 – †1520, Santarém (Portugal)

Ao zarpar do Rio Tejo, em 8 de março de 1500, com a maior armada até então organizada em Lisboa, o almirante tinha a missão oficial e pública de ir à Índia. Vasco da Gama já tinha aberto o caminho do mar para o Oriente e a Cabral, que de fato foi à Índia na sequência de sua viagem, foi dada uma frota de três caravelas e dez naus, tripuladas por aproximadamente 1.500 homens, entre eles navegadores veteranos como Bartolomeu Dias e Nicolau Coelho.

Dá-se supor, sem documentação de prova, que a missão também incluía a tomada de posse da grande terra da América. Fincando a bandeira lusa no Brasil, a que batizou de Terra de Vera Cruz, Cabral realizou a maior obra do Ciclo dos Descobrimentos Portugueses.

Sabe-se pouco da vida do Descobridor; mas, a julgar pela linhagem dos capitães-mores encarregados dessas missões, era um fidalgo, comandante intrépido e guerreiro destemido. O escrivão Pero Vaz de Caminha registrou que foi simpático e bondoso com os índios que recebeu em seu navio.





Retrato de Plácido de Castro | Ueliton Santos | Terras e acrílica sobre tela | 97x94cm | 2012

Plácido de Castro

Líder da Conquista do Acre

*São Gabriel (RS), 9-12-1873 – †9-8-1908, Benfica (AC)

Personagem histórico inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves, em Brasília-DF (Lei nº 10.796, de 5 de dezembro de 2003).

Com a audácia dos antigos bandeirantes, o agrimensor José Plácido de Castro liderou a luta dos nordestinos que ocuparam o território do atual estado do Acre e o incorporaram ao Brasil. Os limites com a Bolívia eram confusos, traçados com linhas imaginárias pelo Tratado de Ayacucho, de 1867.

Muitos brasileiros se aventuraram de boa-fé em terras que de fato pertenciam à Bolívia e a migração cresceu com a valorização da borracha extraída das seringueiras nativas. Já maioria na região, os brasileiros reivindicaram o Acre quando a Bolívia começou a controlar o território e, com maior repercussão, decidiu arrendá-lo ao Bolivian Syndicate of New York, empresa de capitais americanos e ingleses.

À frente de apenas 33 seringueiros, Plácido de Castro expulsou as autoridades bolivianas. A questão foi resolvida diplomaticamente, no Tratado de Petrópolis, pelo qual o Brasil construiu a ferrovia Madeira-Mamoré, pagou dois milhões de libras esterlinas e cedeu terras à Bolívia em Mato Grosso.





Retrato da Princesa Isabel | Yara Tupynambá | Acrílica sobre tela | 100x80cm | 2012

Princesa Isabel

A Redentora

*Rio de Janeiro (RJ), 29-7-1846 – †14-11-1921, Normandia (França)

Na primeira vez em que assumiu a Regência do Império, em virtude de viagem de seu pai, o Imperador Pedro II, a Princesa Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bragança e Bourbon sancionou a Lei do Ventre Livre. Na terceira, assinou a Lei Áurea, articulada no Parlamento pelo conselheiro João Alfredo como uma medida inevitável e inadiável para acabar com a imoralidade e obsolescência da escravatura.

O escravo já não servia à expansão das forças produtivas, que recorriam aos imigrantes europeus e ao trabalho assalariado. Isabel era, de fato, contra a escravidão. Secretamente, incentivava quilombos, pagava a alforria de escravos e acolhia fugitivos em sua quinta de Petrópolis. Diz a lenda que o barão de Cotegipe censurou a princesa: "Vossa Alteza libertou uma raça, mas perdeu o trono"; e ela respondeu: "Mil tronos eu tivesse, mil tronos eu daria para libertar os escravos do Brasil."

O jornalista José do Patrocínio, mulato e ativista da causa abolicionista, chamou-a de Redentora.

RANDEIRANTE

PRATA

VELHO

Antonio Raposo Tavares
1998

Comunidade
Fundamental
Juntas

PAI

BRASIL



Retrato de Raposo Tavares | Christina Oiticica | Acrílica sobre tela | 80x98cm | 2012

Raposo Tavares

Definidor das Fronteiras

*Beja de São Miguel (Portugal), 1598 – †1658, São Paulo (SP)

Maior e mais polêmico dos bandeirantes, Antônio Raposo Tavares ajudou a manter, alargar e definir o mapa do Brasil. Saiu de São Paulo para combater os holandeses no Nordeste, participando das lutas na Bahia e em Pernambuco, e integrou territórios espanhóis ocupados por missões jesuíticas no Sul.

Seu grande feito épico foi percorrer, a partir de 1647, a pé e em jangada, 10 mil quilômetros de São Paulo ao Pará, na chamada Bandeira de Limites. A expedição foi sugerida ao rei Dom João IV pelo padre Antônio Vieira, que fez uma reconstituição precária de sua rota e façanhas. Saindo do Tietê, Raposo Tavares chegou a Gurupá, no rio Amazonas, nas proximidades de Belém.

Corre a lenda de que atingiu os Andes. Certo é que a bandeira de três anos palmilhou o contorno oeste do Brasil e definiu as fronteiras com os países vizinhos em linhas praticamente mantidas até hoje. Raposo Tavares é malvisto por ter escravizado índios, mas esta prática não anula sua biografia de herói da formação territorial brasileira.





Retrato de Tibiriçá – No Sertão do Oeste Paulista | Jocelino Soares | Óleo sobre tela | 60x80cm | 2012

Tibiriçá

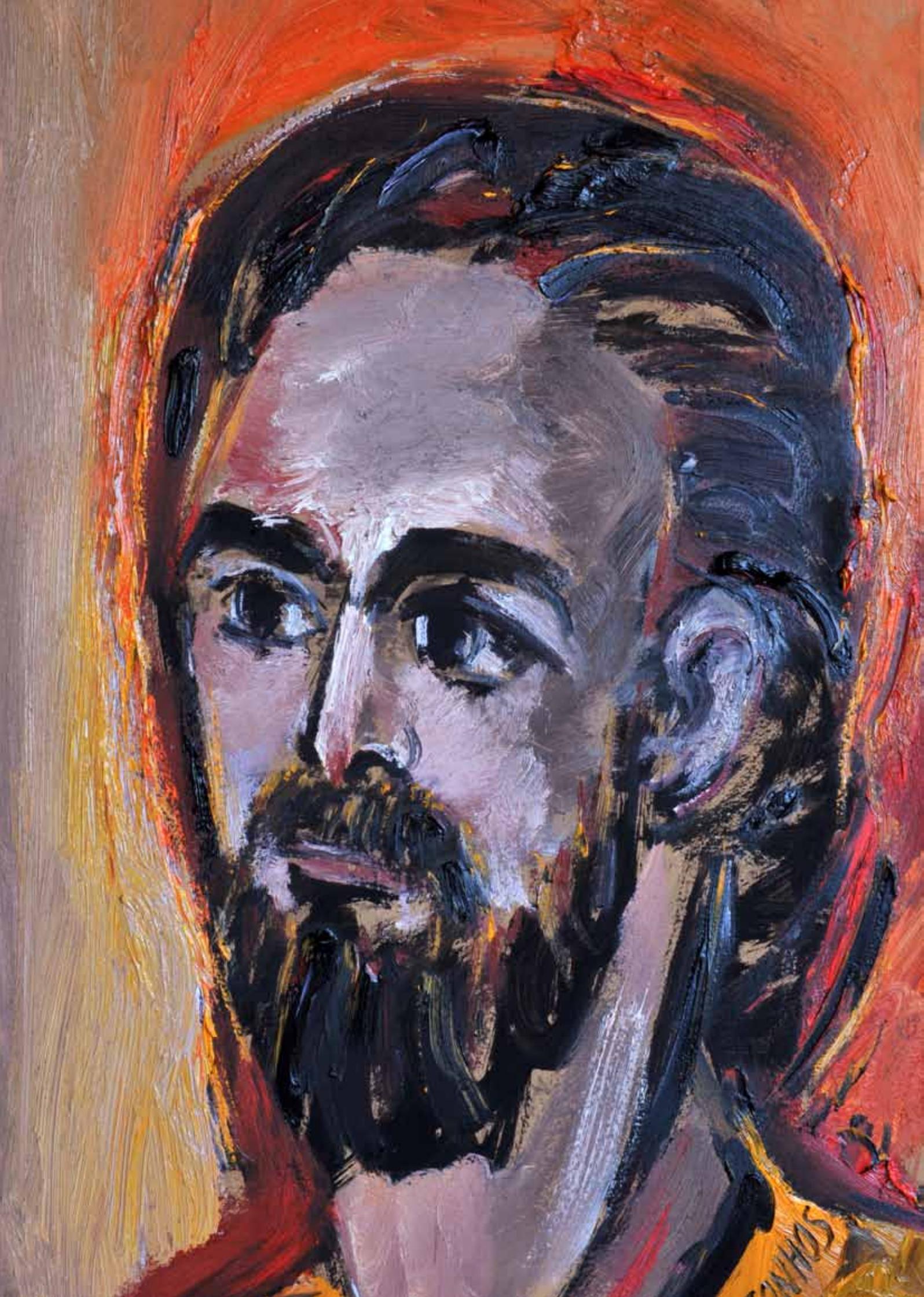
Fundador de São Paulo

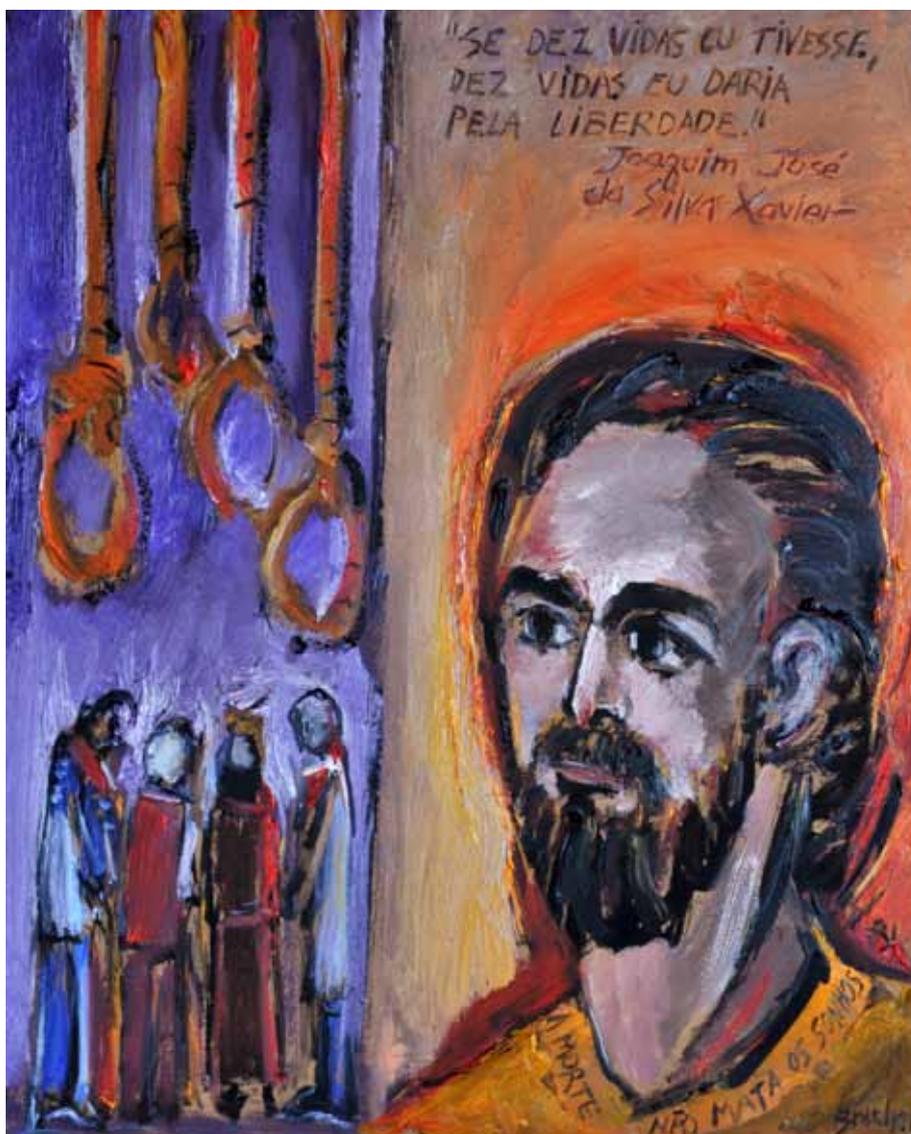
*Piratinga, atual São Paulo (SP) – †1562, São Paulo (SP)

Na cripta da Catedral da Sé de São Paulo, ao lado de vultos da História do Brasil como o Regente Feijó e o inventor do aeróstato, padre Bartolomeu de Gusmão, jaz um índio, o tuxaua dos guaianases Tibiriçá. O jazigo no mais importante monumento religioso da cidade traduz a homenagem da Igreja Católica a um dos fundadores de São Paulo.

Batizado pelo padre José de Anchieta com o nome do donatário Martim Afonso, Tibiriçá ajudou os jesuítas liderados por Manuel da Nóbrega a construir a primeira capela e o colégio do apostolado em 1554. Defendeu a missão dos ataques de outros caciques que não aceitavam a presença dos colonizadores portugueses.

Casado com Potira, pai de Bartira, sogro de João Ramalho, o chefe índio está na raiz de 16 gerações de mamelucos, entre eles muitos quatrocentões paulistas, que vieram a constituir um povo novo nos trópicos. Uma ala da ilustre família Almeida Prado trocou o nome pelo do cacique e um deles, Jorge Tibiriçá, foi duas vezes governador do estado.





Retrato de Tiradentes – Quando a morte não mata o sonho | Carlos Bracher | Óleo sobre tela | 100x80cm | 2012

Tiradentes

Mártir da Independência

*Vila de São José, atual Tiradentes (MG), 1746 – †21-4-1792, Rio de Janeiro (RJ)

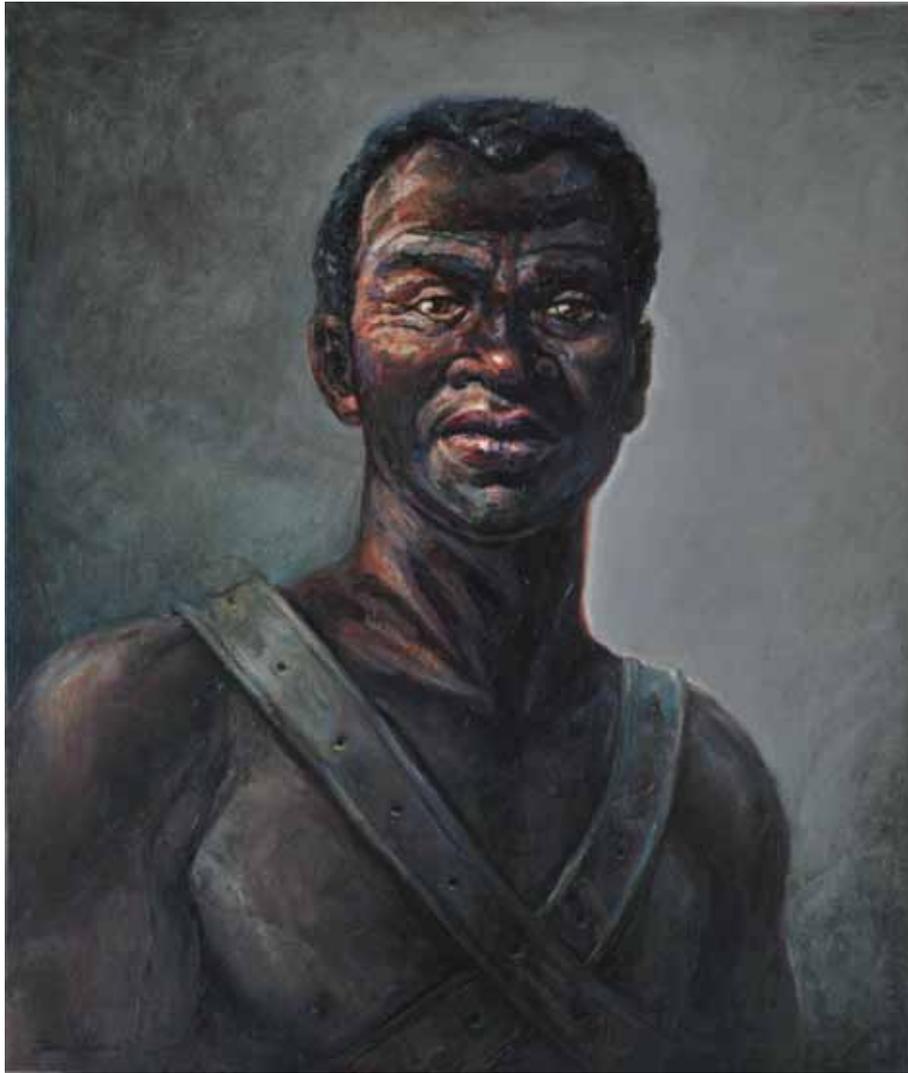
Personagem histórico inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves, em Brasília-DF (Lei nº 10.796, de 5 de dezembro de 2003)

Líder da Conjuração Mineira de 1789, o alferes Joaquim José da Silva Xavier passou à História como um precursor idealista e ousado da Independência do Brasil. De origem humilde, órfão, pouco estudou e teve várias profissões, inclusive a de dentista, antes de ser militar.

Sua consciência política foi despertada, a partir de 1781, ao ser nomeado pela rainha Maria I comandante da patrulha do Caminho Novo, que ligava Minas ao Rio. Tiradentes via passar as carradas de ouro e diamante enviadas das minas brasileiras ao reino e relacionava a remessa da riqueza à miséria do povo. Tomou conhecimento da Revolução Americana e vislumbrou a autonomia do Brasil. Reprimida a Conjuração, os demais participantes, a maioria integrante da elite de Vila Rica, também foram presos, alguns deportados para a África, mas só ele foi condenado à morte.

A rainha mandou executá-lo e esquartejá-lo e amaldiçoou seus descendentes. Coube à República, a partir de 1889, reabilitá-lo como herói nacional.





Retrato de Zumbi dos Palmares | Juarez Venâncio | Óleo sobre tela | 80x70cm | 2012

Zumbi dos Palmares

Herói da Resistência à Escravidão

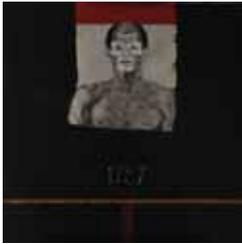
*União dos Palmares (AL) –†20-11-1695, Viçosa (AL)

Personagem histórico inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves, em Brasília-DF (Lei nº 10.796, de 5 de dezembro de 2003)

Zumbi nasceu livre na terra que viria a ser seu próprio reino, o quilombo de Palmares, em Alagoas, que a partir do século XVI reuniu milhares de negros fugidos, alforriados ou ali já nascidos.

Atacado pelas autoridades portuguesas, o quilombo ficou dividido em 1678 por uma proposta de anistia e liberdade aos que quisessem se mudar para outro local. O rei Ganga Zumba aceitou, mas seu sobrinho Zumbi foi contra e assumiu a liderança do grande mocambo. Em 1695, Palmares foi arrasado pelo bandeirante Domingos Jorge Velho, mas Zumbi escapou e continuou a saquear propriedades de escravocratas e recrutar negros para a guerrilha. Os que se recusavam eram escravizados.

Traído, foi morto numa emboscada, teve a cabeça cortada, salgada e exposta em praça pública no Recife, para rebater a lenda de que era imortal, uma vez que a palavra zumbi em quimbundo embute a acepção de imortalidade. É o símbolo do Movimento Negro e na data de sua morte comemora-se o Dia da Consciência Negra, feriado em várias cidades.



Leonilda Príncipe

Ajuricaba por

Oscar Ramos

(1938, Itacoatiara - AM)

Representei Ajuricaba onde ficou prisioneiro, no momento em que era apresentado para reconhecimento. Sua expressão reflete o que ele está passando sem, contudo, perder o orgulho, mais evidente na posição da sua boca. Ele olha diretamente para quem o encara. Está completamente envolto em preto para simbolizar a escassez de informações a seu respeito.

A linha horizontal é a representação do céu ou divindade. No retrato ela é a parte vermelha que encosta em sua cabeça. Na parte inferior do quadro ela está coberta pelos traços verticais que representam os seres, cada homem, mulher, criança e idoso que foram dizimados pelas tropas portuguesas. Começam no infinito e acabam no infinito.

A vertical vermelha na base do quadro, encimada por um símbolo pré histórico amazonense, representa o sexo masculino completamente subjugado, como em Tróia. Não há brilho no vermelho, foi quase apagado pela tinta preta.

A data de seu desaparecimento é completamente incerta. A mais provável, segundo antropólogos e pesquisadores amazonidas, é que seja 1727. Como se pode notar, deixei um fantasma de outros números para significar essa dúvida.

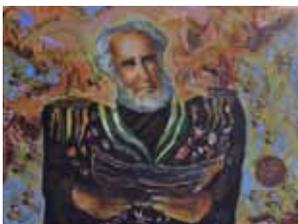
Agora só espero que Ajuricaba seja olhado de uma outra forma. Peça que prestem bastante atenção na expressão dele, sobretudo um distanciamento da realidade na qual se encontra: nem orgulho nem derrota, apenas aquilo que se apresenta, e ele recebe, talvez já sabendo do que precisa ser feito. Um pouco da sua juventude está de volta nessa fisionomia, e seus cabelos, que foram cortados e arrancados de qualquer maneira, não tiraram dele a majestade.

Oscar Ramos

Contato com o artista

tekne6@yahoo.com.br

Av. Pedro Teixeira, 1001, ap 301, bl E. Parque Residencial Sabiá
69.040-000 Manaus AM
(92) 8258-6883



Almirante Tamandaré por

José Hamilton Gondim Filho

(1965, Fortaleza - CE)

A grande dificuldade de executar essa obra foi conseguir unir duas linguagens relativamente dissociadas de maneira harmoniosa. A pintura de um retrato utilizando linguagem acadêmica em contraponto ao universo dos grafismos e símbolos, recorrentes em meu trabalho, tornou-se um desafio. Confesso que a responsabilidade foi imensa,

por tratar-se de uma releitura de um personagem consagrado. Imaginei que a obra deveria conter um pouco dos feitos históricos do Almirante Tamandaré, mesmo que de forma lúdica, trazidos para a contemporaneidade. Espero que a impressão, no resultado final, venha demonstrar que o processo de criação nos possibilita reproduzir imagens não como elas são vistas, mas como as vemos.

Hamilton Gondim

Contato com o artista

hamiltonfilho@superig.com.br

Condomínio Ville de Montagne, quadra 18, casa 22. Brasília DF
(61) 9987-0191 | 3367-7339 | 3367-01068



Anita Garibaldi por

Catarina Gushiken de Godoy Costa

(1981, São Paulo - SP)

Construí a imagem da Anita Garibaldi com força e feminilidade para representar este contraste muito presente na figura e na História da "Heroína dos Dois Mundos". Utilizei tons suaves e pasteis, contrapondo com o preto do nanquim. Também explorei a suavidade das manchas aguadas da acrílica em oposição ao traço marcado e gráfico que o nanquim proporciona. Acredito que estas misturas transmitam ao mesmo tempo a delicadeza e a força feminina.

Catarina Gushiken

Contato com a artista

www.catarinagushiken.com.br

relacionamento@catarinagushiken.com.br

Rua Topázio, 380. Aclimação
04.105-060 São Paulo SP



Barão do Rio Branco por

José Geraldo Fajardo

(1960, Ilhas dos Pombos - RJ)

O ateliê do artista é o laboratório de uma das mais incríveis experiências humanas: a de manusear a aparência e a beleza. Poucos possuem esta capacidade de tocar o intangível, corporificando-o. E nós, artistas, a temos!

A conduta da curadoria de "Construtores do Brasil" foi um exemplo de seriedade e respeito à criação alheia. Portanto, quando fui convocado a participar deste importantíssimo projeto, senti a possibilidade de oferecer o que melhor posso fazer: pintar. E pintar para o Brasil é uma gratificação inenarrável.

Deixar para a posteridade a imagem de um ser da qualidade do Barão do Rio Branco, homem reto, habilidoso e patriota, é uma oportunidade histórica, literalmente.

JG Fajardo

Contato com o artista

jgfajardo.blogspot.com
 www.fajardoecalgam.com.br
 jfajardo@terra.com.br
 (21) 7134-7882

**Bento Gonçalves por****Urbano José Pibernat Villela**

(1942, Uruguai - RS)

Agradeço minha participação nesta galeria enaltecendo os idealizadores deste projeto e parabenizando a direção da Câmara dos Deputados por esta iniciativa.

Como brasileiro natural dos Pampas, região onde ocorreu a Revolução Farroupilha, busquei ser o mais fiel possível de modo a perpetuar as cores, as formas e os sentimentos da época.

Sinto-me privilegiado em poder contribuir com esse trabalho na medida em que abre a possibilidade de fazer alguns comentários que julgo oportunos.

A Revolução Farroupilha, que ocorreu no extremo sul do Brasil no período de 1835 a 1845, não tinha a motivação separatista como frequentemente é descrita, bem ao contrário, pretendia a conquista dos valores republicanos, o direito à escolha dos seus representantes, o respeito à cultura e valores regionais, o tratamento justo e digno por parte do governo central, enfim, os mesmos sentimentos que motivaram outras tantas revoluções e que resultaram na proclamação da República em 1889.

Na luta por esses ideais, Bento Gonçalves foi o grande líder, garantindo a coerência desses princípios ao longo dos dez anos de revolução, e ao final do período arquitetando com Luis Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias) a Paz de Poncho Verde, ganhando o respeito, a dignidade necessária e a paz desejada por todos, merece estar entre os Construtores do Brasil que nos orgulha.

Urbano Villela

Contato com o artista

www.urbanovillela.com.br
 urbanovillela@gmail.com
 Urbano Neto (61) 9233-2871

**Deodoro da Fonseca por****Flávio Roberto Tavares de Melo**

(1950, João Pessoa - PB)

“As lágrimas depois da vitória. Aviso à família real: o Império acabou. Começam novos tempos”. Eis a inspiração para o Retrato de Deodoro da Fonseca.

Pintar o primeiro Presidente da República do Brasil para a Câmara dos Deputados foi motivo de imensurável satisfação profissional e pessoal,

especialmente por poder homenagear com essa obra o querido povo de Alagoas, terra natal de minha amadíssima esposa, e todos os nordestinos que, assim como eu, carregam no coração, na alma e nas veias, o amor e o orgulho do seu chão rachado, o destemor e a perseverança e o sangue de guerreiro.

Pela importância da Guerra do Paraguai na História do Brasil e na vida do Marechal que proclamou a nossa República, recorri à sanguínea e tinta acrílica, de forma quase monocromática e melancólica, a fim de criar, com veracidade, o pano de fundo do retrato de Deodoro. Ainda que vitoriosa, a guerra lhe deixou fortes e amargas lembranças dos violentos combates, mas apesar do legado de lágrimas e derramamento de sangue – como representado na tela – entre os filhos de nações hoje irmãs, deixou um marco dos novos tempos que iriam ter início.

Flávio Tavares

Contato com o artista

flaviotavarespb@uol.com.br
 Rua Zilda Nunes da Silva, 177
 58.046 505 - Portal do Sol, João Pessoa PB
 (83) 9125-1430 | 3226-5022



Paulo Oliveira

Dom Pedro I por**Fernando Henrique de Oliveira Gurgel**

(1958, Natal - RN)

A imagem de D. Pedro I estampada em azulejos, ícone da arte Portuguesa, está costurada, através de linhas vermelhas, pontos de paixão à uma identidade Brasileira representada pela cor. A palavra “FICO”, gravada em amarelo sobre o fundo verde, manifesta a força da figura de D. Pedro I na construção da História Brasileira.

Fernando Gurgel

Contato com o artista

www.fernandogurgel.com.br
 fernandogurgelgrafic@gmail.com
 (84) 3221-2767 | 8826-8008

**Duque de Caxias por****Maria Cristina de Almeida Corso (Titina Corso)**

(1961, Rio de Janeiro - RJ)

Apesar da minha experiência nas artes, pintar o retrato de Duque de Caxias foi inusitado, pela distância do Herói, pelo tempo histórico, por existirem outras referências já reverenciadas, e não me agrada somente fazer uma cópia. O processo de criação está documentado no blog: <http://duquedecaxiasgaleria.blogspot.com.br>. Fiz questão de começar pelo envelhecimento da tela com café, um dos nossos símbolos de desenvolvimento nacional. Acrescentei alguns títulos que este herói recebeu ao longo da vida, aleatoriamente, assim como palavras retiradas de um bilhete escrito quando da presença de Caxias na

Fortaleza de Humaitá. Texturizei um selo usado nas correspondências, que escorre quase que imperceptível, como seu próprio sangue. E nossas cores também estão lá impressas, para que sejam observados na obra como fragmentos de memória da vida desse bravo Marechal do Exército, que escreveu parte de nossa História.

Titina Corso

Contato com a artista

site oficial: www.titinacorso.com.br
 outros sites: <http://titinacorso.blogspot.com>
www.clicfolio.com/titinacorso
www.twitter.com/titinacorso
artistaplastica@titinacorso.com.br
 msn: aquarian.30@hotmail.com



Filipe Camarão por Otoniel Fernandes Neto

(1964, Fortaleza - CE)

Senti-me muito honrado com o convite de pintar um herói da pátria, Filipe Camarão, grande estrategista na luta contra os invasores holandeses, e ter uma obra minha na galeria Construtores do Brasil. Vi nesse convite uma grande oportunidade de representar com meu estilo o índio Poti num cenário que lhe era próprio: o litoral nordestino. A pintura mostra o herói com traços indígenas marcantes, da cintura pra cima, vestindo uma bata rústica em vermelhão. O cenário é uma praia potiguar, sob intensa luminosidade do dia tropical e com o vigor das cores da região.

Geralmente vemos esses heróis retratados em situações que não condizem com a nossa realidade. Sob céus sombrios, em cenas clássicas ou anedóticas, com pouca luz e cor. Muitas vezes estão em recintos fechados com os tradicionais "claros escuros" barrocos e panos de fundo em betume e tons de sépia. Optei por uma representação natural, despojada e sóbria, sem simbolismos ou enredos.

Minha maior identificação com o personagem foi a origem comum no litoral nordestino, a vivência em grandes horizontes com intensa luz solar, a afeição ao mar e à terra. Ambientes que nos reforçam os sentimentos de defesa e liberdade.

Otoniel

Contato com o artista

www.otoniel.com.br
otonieln@bol.com.br
 (61) 9975-2468



Floriano Peixoto por Heriberto Carlos Rebouças

(1948, Jaguaruana - CE)

O que mais gosto de fazer são os retratos, por isso o convite para pintar Floriano Peixoto me deixou extremamente feliz! Ao preparar essa obra,

fiquei intrigado com a tonalidade da pele, já que todas as imagens dele estavam em preto e branco. Comecei, então, a observar pessoas daqui do Nordeste que, na minha concepção, mais se aproximassem das características físicas do Consolidador da República, incluindo a cor dos olhos. Não havia encontrado esses detalhes em biografias dele e eu também queria deixá-lo com a atitude de quem "chegou onde queria chegar".

Participar dessa galeria, para mim, é uma maneira de prestar uma merecida homenagem a esses brasileiros que fizeram o alicerce desta nação e ajudaram a construir o que somos e o que seremos amanhã: O MELHOR PAÍS DO MUNDO!

Heriberto Rebouças

Contato com o artista

heribertoreboucas@oi.com.br
 (85) 3224-0304 | 9954-6108 | 8584-5756



Frei Caneca por Romero Britto

(1963, Recife - PE)

Estou muito feliz e honrado de participar dessa galeria histórica, de tal importância!

É uma enorme satisfação ter a minha arte mais e mais no cenário cultural do nosso querido Brasil, em particular no coração do País, em Brasília!

Romero Britto

Contato com o artista

www.britto.com
romero@britto.com
 Britto Central Miami
 818 Lincoln Road
 Miami Beach - Florida
 EUA 33139



Getúlio Vargas por Elifas Vicente Andreato

(1946, Rolândia - PR)

Eu me senti honrado por poder contribuir para essa galeria de grandes Construtores do Brasil pintando o Retrato de Getúlio Vargas. A princípio, quando me chegou o convite, fiquei um pouco apreensivo, porque já fiz centenas de retratos em capa de discos, livros, revistas, mas nenhum deles precisava ter a qualidade técnica e a durabilidade dessa obra, que ficará pra sempre no acervo da Câmara. Foi um desafio, foi prazeroso, e acho que está bem feito. Ficou bonito! Minha esposa, Cleide, elogiou! E ela é uma observadora sincera.

Tenho uma ligação com Getúlio Vargas muito interessante. Sou do interior do Paraná e, quando criança, eu morava num sítio. Um dia, minha avó portuguesa, muito religiosa, estava nos esperando voltar

da roça, na entrada da casa, com um véu sobre a cabeça. Eu era um molequinho, de uns oito anos, mas percebi que havia algo errado. Muito triste, ela nos disse, com aquele sotaque português: “Getúlio matou-se a si”. No primeiro momento, fiquei eufórico de alegria! Eu tinha entendido “Getúlio matou o saci”, de quem eu tinha muito medo. Logo meus tios desconfiaram da minha inusitada reação e me explicaram a tragédia que tinha ocorrido. A partir dali, o Getúlio passou a fazer parte da minha vida.

Deixar esse retrato de Getúlio Vargas para as gerações futuras torna menos dolorosa a consciência da finitude e certamente proporciona uma sensação gratificante!

Contato com o artista

www.elifasandreato.com.br

elifas@uol.com.br

Rua Dr. Franco da Rocha, 137, 11º andar. Perdizes

05.015-040 São Paulo SP

(11) 3873 9115



Henrique Dias por

Robertus Hermanus Adolphus Maria van der Ploeg

(1955, Valkenburg - Holanda)

Logo eu, holandês, fui convidado para pintar um herói da Insurreição Pernambucana que resultou na expulsão dos holandeses em 1654! Já pensou?! Para dizer a verdade, não tive problema nenhum com isso. Para mim é uma honra! Fui tão bem acolhido na terra pernambucana que me sinto mais daqui do que de lá. Aliás, sou natural do sul dos Países Baixos, região de cultura católica, portanto sou mais flamengo do que holandês.

Não existe uma iconografia única e definitiva de Henrique Dias. Ele aparece com feições diferentes no retrato no Museu do Estado de Pernambuco e na gravura que normalmente ilustra os livros de História e que inclusive está na primeira edição da Galeria dos Construtores. Por isso, tomei a liberdade de pintar a minha versão.

Convidei meu amigo Buda para posar. Negro bonito, de meia idade, um pouco calvo. As cores da roupa procuram combinar com as tonalidades do fundo. Com o chapéu, Henrique Dias esconde parte do braço esquerdo, decepado em uma batalha. Para contextualizar a figura nos eventos históricos da expulsão dos holandeses, pintei como fundo um detalhe do painel da Batalha dos Guararapes feito por Francisco Brennand em 1961/62 e que se encontra na Rua das Flores no centro do Recife. Destaquei a cena da fuga dos holandeses, em pânico e abandonando suas bandeiras.

Roberto Ploeg

Contato com o artista

www.robertoploeg.blogspot.com.br | www.ploeg.com.br

rovervanderploeg@hotmail.com

Rua Herculano de Holanda Cunha, 26. Sítio Ouro Verde

53.370-265 Olinda PE

(81) 3429-2834 | 8737-0712



José Bonifácio por

Maria Marysia Portinari Greggio

(1937, Araçatuba - SP)

Ao receber a honrosa incumbência de retratar tão ilustre brasileiro, não poderiam imaginar o quanto ele me era familiar. Quando ainda estudante, eu passava todos os dias na Praça do Patriarca e na Rua José Bonifácio, que ficam no coração de São Paulo. Em Santos, onde meus pais moraram algum tempo, os Andradas, o retratado e seus dois irmãos, são nome de uma linda praça.

Na elaboração dessa pintura, recorri, como ambientação para o retrato do Patriarca, à vista de Santos quando se chega no alto da serra e principia a descida para a cidade. É uma visão deslumbrante! Ficava fascinada toda vez que ia para lá. Lançando mão de licença poética, forjei uma Santos imaginária, à maneira do nosso querido Guignard, que tantas vezes pintou uma Ouro Preto muito sua, sem se preocupar em ser fiel à realidade.

Escolhi vários tons de azul para colorir esse retrato de Bonifácio de Andrada, inspirada na cor e na magia dos seus olhos, evidência de toda a doçura e amor pelo Brasil e seu povo, apesar da austeridade de estadista.

Nas mãos do mais notável dos Andradas, pintei a carta enviada a D. Pedro I em 2 de janeiro de 1822, exigindo a sua permanência no Brasil, e, a partir da qual se abriu o caminho para a nossa Independência, arrancando do Imperador a célebre resposta “... diga ao povo que FICO”.

José Bonifácio de Andrada e Silva foi, antes de tudo, um cidadão do mundo. Paulista de Santos, estudou no continente europeu, mais precisamente nas cidades de Lisboa e Paris. Na Alemanha, junto a Humboldt, dedicou-se à ciência, fazendo grandes descobertas no campo da mineralogia. Além de advogado e professor, foi também poeta, escritor e filósofo, um grande humanista. Partidário do abolicionismo, empunhou sempre a bandeira da Liberdade como sua guia na luta em favor dos direitos humanos, tornando-se um dos protagonistas da Independência da nação brasileira.

No dia 3 de junho, após árduo esforço e empenho, foi promulgada a Constituinte Brasileira, na qual José Bonifácio propôs várias medidas que garantiriam a autonomia do nosso País. As exigências de Portugal e as tentativas de enfraquecer Dom Pedro I fizeram o nosso homenageado nesse quadro enviar delegados a Paris e Washington, assim como buscar o apoio da Argentina e de outros países sul americanos. Tais medidas possibilitaram ao Imperador formalizar a Independência do Brasil em 7 de Setembro de 1822. Antes de retornar para Portugal, D. Pedro nomeou Bonifácio como tutor de seu filho, Dom Pedro II, que viria a ser o grande estadista que tanto admiramos, um homem à frente do seu tempo, assim como o foi seu grande orientador, José Bonifácio de Andrada e Silva.

Marysia Portinari

Contato com a artista

www.marysiaportinari.com

maryziaportinari@uol.com.br

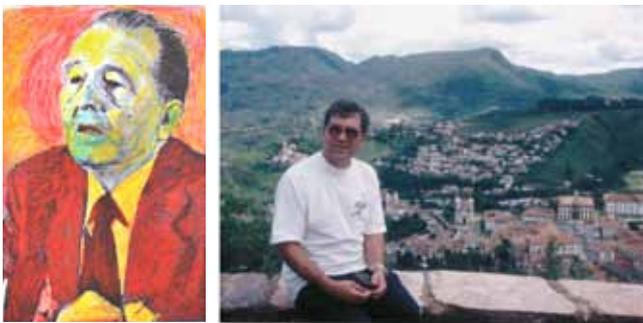


**Juscelino Kubitschek por
Darlan Manoel Rosa**
(1947, Coromandel - MG)

Uma das figuras recorrentes na minha gravura são pequenas casas, que formam povoados traçados onduladamente, como que cobrindo as montanhas das Minas Gerais, onde nascemos JK e eu. Daí me veio a ideia de gravar a imagem do Presidente a partir desses símbolos, que me são tão caros e trazem tantas lembranças.

Darlan Rosa

Contato com o artista
www.darlanrosa.com
artista@darlanrosa.com
(61) 8173-8437 | 3879-8437



**Luís Carlos Prestes por
Henrique Goulart Gonzaga Júnior (Gougou)**
(1946, Uberlândia - MG)

Meu herói preferido, o Senador Luís Carlos Prestes.

Fiquei verdadeiramente radiante ao ser convocado para traduzir na tela meu sentimento visual sobre o ex-Senador Luiz Carlos Prestes, personagem marcante na História do Brasil contemporâneo.

Sua trajetória política, militar e ideológica revela um homem íntegro e coerente com seus sonhos e suas crenças. Ao longo de décadas de atuação revolucionária, tornou-se um guerreiro destemido, autêntico e disposto a todos os riscos e sacrifícios pelas causas que defendeu.

Sempre me atormentei e me indignei com as manobras daqueles que procuravam retratá-lo como inimigo do Brasil. Ao contrário, Prestes lutou por um País mais justo, mais honesto e mais autêntico. Por isso mesmo, preferi empregar o verde e o amarelo em seu retrato de rosto, sobre um suporte avermelhado, caracterizando sua opção ideológica. Fiz uso de bastão de pastel para conseguir uma visão mais tropical e expressiva desse autêntico guerreiro da História política brasileira do século XX.

Gougou

Contato com o artista
http://gougou.blogspot.com.br
hgougou@gmail.com; hgougou@hotmail.com
SHIGS 712, bl. P, casa 44 - 70.361-766 Brasília DF
(61) 8412-4535



**Maria Quitéria por
Antônio Carlos Lima (Tony Lima)**
(1964, Parnaíba - PI)

Nossa valente Maria Quitéria! Vestida como soldado até se passou por homem.

Em tons de fotografia antiga, quase cor de rosa, fiz o seu retrato em traços finos e elegantes, emoldurado por detalhes, figuras e azulejos que imaginei fazerem parte do seu mundo de moça do interior baiano. Um mundo de ideais quase ingênuos, mas de muita coragem e luta.

Tony Lima

Contato com o artista
tonylima_2009@yahoo.com.br
(61) 8536-5166



**Padre Manuel da Nóbrega por
Paulo Acencio de Araújo**
(1944, Juazeiro - BA)

De formação clássica, experimentei todas as técnicas do desenho e da pintura. No princípio, quando surgiram as primeiras manifestações do meu estilo próprio, meu trabalho tinha características marcantes do Surrealismo; com o tempo minha obra passou para o "Realismo Fantástico", por onde permeiam minhas ideias e criações. As várias fases trabalhadas, com temas bem específicos eram e são ainda hoje inseridas no contexto dessa Escola, com a qual me identifico, em minha arte e em minha vida. Mesmo na pintura de Retratos, como o de Padre Manuel da Nóbrega, sinto necessidade de compor os elementos e introduzir os símbolos que fazem parte de minha natureza. A atmosfera espacial que nos conduz a momentos espirituais, a leveza da cor, as paisagens oníricas e a emblemática esfera que flutua, enfatizando por vezes a leitura da composição e equilibrando cores complementares. No mais, minha obra é aberta; permite ao espectador a liberdade de criar sua própria concepção sobre o que olha e o que vê.

Paulo Acencio

Contato com o artista
www.acencio.com
atelier@acencio.com
Rua Fernão Lopes de Camargo, 461
03.261-090 São Paulo SP
(11) 4305-5451 | 99455-5451



Pedro Álvares Cabral por

Carlos Henrique Oliveira Passos

(1954, Ubaitaba - BA)

Uma Viagem com Cabral.

Era uma vez um menino que gostava de desenhar caravelas, aquelas que aportaram na Terra de Santa Cruz trazendo a bordo o seu capitão, o destemido, Pedro Álvares Cabral.

O menino cresceu com o coração cheio de histórias sobre este grande navegante, sempre desenhando e pintando. Só não sabia esse menino que hoje, já homem, teria um verdadeiro encontro com Cabral e sua caravela, bem ali defronte daquele monte sereno e solitário: o Monte Pascoal, coadjuvante dessa história.

Pois bem, esse homem ficou impressionado com esse encontro e, como sempre gostou de sonhar e pintar, lançou mão de suas tintas e pincéis, pediu permissão ao destemido capitão e sobre uma tela registrou esse momento.

Feliz com a oportunidade, transformou um sonho em realidade, navegando com Cabral no mesmo barco rumo a um "Porto Seguro"!

Henrique Passos

Contato com o artista

www.henriquepassos.com.br | www.henriquepassos.com

henriquepassos.arte@terra.com.br

Rua Desembargador José Maciel dos Santos, 135. IAPI

40.330-475 Salvador BA

(71) 3386-3257 | 9124-8801



Plácido de Castro por

Ueliton Santana dos Santos

(1981, Sena Madureira - AC)

Na verdade o Retrato de Plácido de Castro foi construído com pigmentos naturais de terras de diversas regiões do Estado do Acre e diversas cores. As tintas, eu mesmo produzi. As terras, utilizei com fundo — a terra que pisamos, que nos sustenta, de onde "viemos" e para onde vamos, a terra "palco", testemunha de tantos acontecimentos e modificações de inúmeros cenários ao longo do tempo e da História. O tecido é algodão cru.

As imagens soltas e distribuídas equilibradamente, tanto em composição como em arranjo de cores, remetem a diversos períodos da História acreana, como nossos símbolos, que chamo de logomarcas de domínio público, pois todos são capazes de reconhecer: rios (que foram as nossas vias de circulação e transporte durante muito tempo); correntes serradas; pássaros; capivaras; árvores; pequenas embarcações; remos; casarios antigos; quebradores de castanha; índios; peixes; macacos; pélas de borracha; insetos; sol; lua; violões e alaúdes (expedição dos poetas artistas); estrada de ferro; notebooks;

celulares; símbolos da robótica e da ciência (átomos, tubos de ensaio); jabutis; tracajás; bois...fauna, flora e ícones da nossa História.

Temos ainda rostos camuflados. Estes são dos seringueiros anônimos que foram consumidos pela floresta (inferno verde) em tempos imemoriais.

Enfim, a figura de Plácido de Castro, tendo a terra como palco e os símbolos como cenários que se modificam ao longo da História.

Ueliton Santana

Contato com o artista

www.uelitonsantana.blogspot.com

ueliton.santos@ifac.edu.br

Rua Raimundo Nonato, 605 - Bairro Vitória

69.900-000 Rio Branco AC

(68) 9972-1951 | (68) 8412-4535



Barbara Passos

Princesa Isabel por

Yara Tupynambá

(1932, Montes Claros - MG)

Estou orgulhosa de participar da Galeria Construtores do Brasil e procurei representar a Princesa Isabel com o que ela fez de mais importante, que foi a Lei Áurea, permitindo, assim, que se fizesse a afirmação de uma raça que tanto fez pelo País. O azul usado com pano de fundo significa a espiritualidade e a delicadeza de alma desta que foi a grande libertadora dos escravos.

Yara Tupynambá

Contato com a artista

www.yaratupynamba.com.br | www.yaratupynamba.org.br

yaratupynamba@hotmail.com

Instituto Yara Tupynambá

Rua Soares do Couto, 144. Vila Paris

30.380-760 Belo Horizonte MG

(31) 3296-8161 | 9949-3206



Raposo Tavares por

Maria Christina Bastos Oiticica

(1951, Rio de Janeiro - RJ)

Pintei duas imagens de Raposo Tavares para representar a transformação. Na viagem que ele fez em torno do território brasileiro, chamada Bandeira dos Limites, ele foi jovem e voltou velho: nem a família o reconheceu no seu retorno. As cores usadas, como o vermelho, fazem parte do meu trabalho nesse momento. Acredito que ele deveria ser um homem muito forte e com paixão! Participou da

expulsão dos padres jesuítas espanhóis, dos holandeses, e um dos seus objetivos era definir fronteiras, por isso destaquei também o contorno do País.

Christina Oiticica

Contato com a artista

www.christinaoitica.com.br
christina@christinaoitica.com.br



Tibirica por

Jocelino Soares

(1956, Neves Paulista - SP)

Quando recebi o convite para pintar o Índio Tibiricá, confesso que tive uma preocupação: como pintar a figura masculina se a vida toda, como artista plástico, só pintei a figura feminina?

Devido à importância e ao local em que a obra vai ficar, fiz-me concessão – aceitei o desafio a mim mesmo imposto e busquei, no mais fundo da minha alma, a inspiração devida.

Aí está o resultado: o índio Tibiricá, no sertão do oeste paulista.

Jocelino Soares

Contato com o artista

www.jocelinosoares.com.br
jocelino@jocelinosoares.com.br
Rua Coronel Spínola Castro, 3916, ap.12
15.015-500 São José do Rio Preto SP
(17) 3226-2248 | 8127-6997



Sérgio Pimenta da Silva

Tiradentes por

Carlos Bracher

(1940, Juiz de Fora - MG)

Quando um homem é tocado pelos ideais, nem a morte o mata, como Tiradentes. Altivo e intrépido, não se vê enforcado perante a História, saindo ileso, ao contrário dos demais Inconfidentes que vacilaram na hora fatal, sendo esses, metaforicamente, os reais enforcados, diante da fraqueza dos seus sonhos. Por suas convicções inabaláveis, Tiradentes se torna, assim, o herói nacional, nessa conduta exemplar do homem frente à dignidade de sua verdade, à essência de seu espírito.

Carlos Bracher

Contato com o artista

bracher@superig.com.br
Rua Coronel Alves, 56. Centro
35.400-000 Ouro Preto MG
(31) 9961-1114



Zumbi dos Palmares por Juarez Venâncio de Melo

(1963, Uberlândia - MG)

Foi um imenso prazer pintar esse quadro, especialmente porque me identifiquei com o personagem. Parece que há um pouco de tristeza nesse olhar de Zumbi dos Palmares, mas ele transmite confiança. Gosto dessa figura forte, de um guerreiro, que leva essa peça de couro com vários furos no peito, como uma cruz: sem camisa, pronto para o combate. Usei pinceladas mais largas e marcantes apenas na figura, numa gama de cores limitada, porém muito rica, e preservei o paspatur, numa divisão irregular, incorporando a moldura à obra, uma característica do meu trabalho. Eu me sinto honrado de participar dessa galeria e orgulhoso por retratar Zumbi dos Palmares: foi um desafio pessoal que simboliza também minha contribuição contra o preconceito racial.

Juarez Venâncio

Contato com o artista

www.juarez.venancio.com.br
juarezvenancio@hotmail.com
AOS 5, bl C, ap 406
70.660-053 Brasília DF
(61) 8168-0569 | 3234-9402

Obras Consultadas

- Cortesão, Jaime. **Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1958.
- Freyre, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**, in: *Intérpretes do Brasil*, vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.
- Furtado, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 32a ed., 2003.
- Holanda, Sérgio Buarque de (org.). **História Geral da Civilização Brasileira – A Época Colonial – Do Descobrimento à Expansão Territorial**. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1960.
- Linhares, Maria Yedda (org.). **História Geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990.
- Maxwell, Kenneth. **A Devassa da Devassa – A Inconfidência Mineira: Brasil e Portugal 1750-1808**. Tradução: João Maia. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- Pombo, Rocha. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc., 9a ed., 6 vols., 1951.
- Ribeiro, Darcy. **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2a ed., 2003.
- Santos, Joel Rufino dos, et. al. **História Nova do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 4 vols., 1964.
- Sodré, Nelson Werneck. **História Militar do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2a ed., 1968.
- Sousa, Otávio Tarquínio. **José Bonifácio**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército e Livraria José Olympio, 1974.
- Varnhagem, Francisco Adolfo. **História Geral do Brasil – Antes da sua Separação e Independência de Portugal**, tomo terceiro. São Paulo: Melhoramentos, 1952.
- Construtores do Brasil**. Brasília: Edições Câmara, 2008. Série coleções especiais. Catálogos; n.2.
- Enciclopédia Barsa**.



MESA DIRETORA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS

Presidente

Marco Maia (PT-RS)

1º Vice-Presidente

Rose de Freitas (PMDB-ES)

2º Vice-Presidente

Eduardo da Fonte (PP-PE)

1º Secretário

Eduardo Gomes (PSDB-TO)

2º Secretário

Jorge Tadeu Mudalen (DEM-SP)

3º Secretário

Inocência Oliveira (PR-PE)

4º Secretário

Júlio Delgado (PSB-MG)

Suplentes

Geraldo Resende (PMDB-MS)

Manato (PDT-ES)

Carlos Eduardo Cadoca (PSC-PE)

Sérgio Moraes (PTB-RS)

Diretor-Geral

Rogério Ventura Teixeira

Secretário-Geral da Mesa

Sérgio Sampaio Contreiras de Almeida

Realização

Câmara dos Deputados

Curadoria

Aldo Rebelo, Deputado licenciado e Ministro do Esporte

Coordenação do Projeto

Espaço Cultural Zumbi dos Palmares

Museu da Câmara

Produção Curatorial

Casimiro Neto

Ricardo Oriá

Vera Cecília C. Dantas Mota

Pesquisa Histórica

Aldo Rebelo

Projeto Expográfico

André Ventorim

Daniel Davini

Projeto Gráfico

Ely Borges

Fotografia

Ananda Borges Pimentel

Impressão

Gráfica da Câmara - DEAPA

Agradecimentos Especiais

Bruna Vieira de Paula

Carlos Rosa da Silveira

Galeria MCR

Lúcia Ana de Mélo e Silva

Marcus Henrique Paranaguá

Thiago Cavalcanti

Brasília, Setembro 2012

Apoio



SINDILEGIS

O sindicato da democracia

